

PORTUGALIAE
MONUMENTA NEOLATINA

VOL. XI

ORAÇÕES
DE SAPIÊNCIA

1548-1555

ARNALDO FABRÍCIO

ORAÇÃO
SOBRE O ESTUDO
DAS ARTES LIBERAIS

21 de Fevereiro de 1548

Introdução, fixação do texto latino, tradução e notas

MARIA JOSÉ PACHECO

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Arnaldo Fabrício, o Humanista, o Orador e a Época

“O discurso oral é captado pelos ouvidos de poucos que nos escutam e, preso como que numas grades, não se divulga para além do local em que se pronuncia e nem permanece mais tempo do que aquele em que é proferido. Mas já a escrita permanece durante muito tempo e difundida, longa e largamente, ela é praticada por muitos, lida e ouvida em épocas diversas e em diversos lugares”.¹

Palavras chegadas até nós, escritas e proferidas pelo humanista francês *Arnold Fabrice*, num momento solene da Academia coimbrã, na inauguração do Colégio das Artes, em 21 de Fevereiro de 1548, na presença do rei D. João III, dum prestigiado corpo docente e ainda de muitos alunos que ali acorreram, ávidos de sentir a renovação do ensino protagonizada por ilustres humanistas nacionais e estrangeiros.

Estava-se em plena época do Humanismo e os homens cultos sentiam uma admiração contagiante por tudo quanto era clássico e, para tal, seria necessário pelo menos dominar bem o latim e o grego, a única forma de se tomar contacto directo com os monumentos da literatura greco-romana e apreender toda a sua beleza estética e riqueza de pensamento. Arnaldo Fabrício, que ficara conhecido entre nós pela forma aportuguesada do nome latino que usava nos seus escritos, fora um dos humanistas que André de Gouveia convidara a vir leccionar para Portugal e a pronunciar a Oração de Sapiência na abertura do Colégio Real, a *“De Liberalium Artium studiis oratio”*, isto é, a Oração *Sobre os Estudos das Artes Liberais*.

Fabrício era já, como nos diz Gaullieur, um orador conhecido em França.² No Colégio das Artes foi Mestre da quinta classe de latim, e vicissitudes de ordem política e religiosa contribuíram para que apenas estivesse em Portugal cerca de um ano, tendo então regressado à terra natal, à pequena cidade de Bazas, na Aquitânia.³ Na edição das suas cartas latinas há alusão à terra de origem, *Arnoldus Fabricius Vasatensis*.

¹ Vd. Arnaldo Fabrício, *De Liberalium Artium Studiis Oratio*, Coimbra, MDXLVIII, p. xxvij; cf. infra, p. 55.

² Vd. Gaullieur, Esnest, *Histoire du Collège de Guyenne*, Paris, 1874.

³ Só o abade Patrício O'Reilly afirma que Arnaldo Fabrício era de La Réole.

Apesar de Arnaldo Fabrício ter ficado pouco tempo em Portugal, o seu nome está escrito na lista alfabética dos Lentes da Universidade de Coimbra, organizada por Leitão Ferreira. Quanto à sua actividade docente em França, pelo menos em 1534, estava em Paris e era um nome bem conhecido no mundo das letras, gozando do convívio e da estima de notáveis humanistas portugueses, como André de Gouveia e João da Costa.⁴

Portugal vivia então o chamado século de ouro da sua História, era o período das Descobertas e da expansão ultramarina que abria à curiosidade dos estudiosos europeus fronteiras sem par e que proporcionara a D. João III um Império que, no dizer de Arnaldo Fabrício, *se estende agora pelas mesmas fronteiras que delimitam a África e a Ásia*.⁵ Tomava-se consciência de estar a viver uma nova época com a chegada de novidades trazidas pela experiência pessoal dos que tinham sulcado novos mares e novas terras, colocando em cheque o saber livresco dos antigos que apontava para a incomunicabilidade dos mares e para a inexistência de variegadas gentes.

Surgia uma nova mentalidade que equacionava a relação do homem com o mundo, numa teorização antropocêntrica que acabaria por desaguar no Humanismo. Todo o saber tinha que ser reformulado e D. João III compreendia que era necessário reformar a Universidade, os Estudos Gerais, assim chamados por concentrarem quase todo o ciclo de estudos.

Os alunos portugueses, a estudar no estrangeiro, informavam que o êxito do sistema educativo teria de principiar pela criação de um ensino de qualidade, preparatório da Universidade, ministrado em instituições independentes, nos colégios. Esta palavra, que principiara por designar um conjunto de pessoas com a mesma formação, passou no conceito universitário a significar uma associação de mestres ou de estudantes ou de uns e outros. E, posteriormente, passou a referir a construção que albergava a comunidade de ensino. Assim acontecia nos principais centros educativos da Europa, como em Salamanca, Alcalá, Paris, Poitiers, Montpellier, Bordéus, Toulouse, Lovaina, Bolonha, Florença, Pádua e Oxford.

O infante D. Pedro, duque de Coimbra, que percorrera grande parte da Europa, merecendo o cognome de *Príncipe das Sete Partidas*, numa carta ao irmão, o rei D. Duarte, datada de Flandres de 1426, comentava a pequenez da vida universitária de Lisboa, comparada com a de outros países europeus. A capital portuguesa quase não criara instituições e colégios preparatórios da Universidade.

Já era tempo de Portugal pôr em prática o movimento cultural do Renascimento, que nos séculos XIV e XV quase só se confinara à Itália, mas que em 1500 se estendera a vários países da Europa, que possuíam um ensino dinâmico e orientado pelos modelos da cultura greco-latina. No início do reinado de D. João III, foram

⁴ Vd. Gaullieur, *op. cit.*

⁵ Vd. Fabrício, *op. cit.*, p. xxxij.; cf. *infra*, p. 59.

chamados à corte religiosos e homens cultos que tiraram cursos de Humanidades em colégios e universidades estrangeiras, interiorizando cada vez mais no monarca a necessidade de um plano estruturado para a reforma do ensino.

Acrescia ainda que nas principais universidades e instituições docentes da Europa estavam a leccionar notáveis humanistas portugueses. Um deles, Diogo de Gouveia *Sénior*, a quem foi dada esta designação para o distinguir de um sobrinho homónimo, era um conceituado teólogo e pedagogo que, a partir de 1520, ocupava o cargo de Principal, isto é, Reitor do Colégio de Santa Bárbara, em Paris. E era considerado: *un maître vigilant et capable, plein de gravité, d'une probité à toute épreuve*.⁶ Numa das viagens que fez a Portugal em 1527, convenceu D. João III de que era importante para a reestruturação do plano do sistema educativo português criar 50 bolsas de estudo no seu colégio.

Grande foi o contentamento de Diogo de Gouveia com a generosidade do Rei. De Paris escreveu, confidenciando, que já realizara dois dos votos que ardentemente formulara: ser doutor em Paris e ter uma formação permanente de teólogos portugueses. Só o terceiro anseio ficaria por realizar: celebrar missa na mesquita de Fez!

O Colégio de Santa Bárbara transformou-se, por assim dizer, no Colégio Português da Universidade de Paris. Entre os discípulos distintos de Santa Bárbara estava André de Gouveia, sobrinho de Diogo de Gouveia, que obtivera o grau de Mestre em Artes pela Universidade de Paris e que ocupara também o cargo de Principal do Colégio, em virtude de o tio estar muito ocupado com os trabalhos de Teologia.

Arnaldo Fabrício, em tom grandioso tão caro aos humanistas, faz alusão ao êxito desta primeira regência de André de Gouveia, dizendo: *Primeiramente, deste provas do teu talento, erudição e sabedoria como Principal de um Colégio célebre na Academia de Paris, a mais brilhante do Universo*.⁷ Também o historiador francês Quicherat não poupa elogios à regência de André de Gouveia. Ao abordar o fascínio que exercia sobre a juventude, afirma: *pour la jeunesse, qui détestait les capettes, ce fut une joie, surtout lorsque le gouvernement de Sainte-Barbe fut remis aux mains d'André de Gouvéa, plus rapproché d'elle par son âge: imbu de tous les idées généreuses de son siècle, et dans lequel on ne savait quoi préférer du caractère ou du talent*.⁸

A fama de pedagogo de André de Gouveia continuava a crescer, passou rapidamente pelo cargo de reitor na Universidade de Paris e a 15 de Julho de 1534 o Conselho Administrativo da cidade de Bordéus confiou-lhe a direcção do *Collège de Guyenne*, que não gozava de boa reputação e tinha um Principal muito controverso. O humanista português principiou a reestruturação do colégio com catorze Mestres afamados que em breve se tornaram insuficientes perante o número sempre crescente de alunos.

⁶ Vd. Quicherat, *Histoire de Sainte-Barbe*, Paris, 1860, p. 127.

⁷ Vd. Fabrício, *op. cit.*, p. xxxij; cf. *infra*, p. 59.

⁸ Vd. Quicherat, *op. cit.*, pp. 220 e 221.

O êxito não se fez esperar e Montaigne, que foi aluno do Colégio da Guiena, escreveu, nos seus *Essais*, a propósito do mérito de André de Gouveia, *sans comparaison le plus grand et le plus noble Principal de France*.⁹ André de Gouveia convidara para trabalhar consigo os mais ilustres humanistas que então se encontravam em França, como Diogo de Teive, Elias Vinet e Jorge Buchanan, entre outros, e o Colégio em breve se transformaria numa fulgurante escola de Artes e de Humanidades, frequentada pelos filhos de nobres, de diplomatas e de mercadores afamados de Bordéus. Os alunos adquiriam uma belíssima preparação, principalmente em grego, latim, gramática, retórica, filosofia, matemática e jurisprudência.

Ainda em Dezembro de 1534, André de Gouveia chegara a Paris à procura de novos docentes e levou consigo para Bordéus mais cinco Mestres ilustres: Arnaldo Fabrício, Maturino Cordier, Cláudio Budin, João da Costa e Júnio Rabírio. Muitos dos alunos destes Mestres iam ter com eles a Bordéus.

Arnaldo Fabrício devia, portanto, ter iniciado as suas novas funções de docente de latim, no Colégio da Guiena, em Janeiro de 1535 e terá continuado a prestigiar aquela afamada instituição durante alguns anos. Pelo menos, na lista de professores que em 1537 formavam o corpo docente do colégio, incluía-se o seu nome. Também nos momentos solenes e nas festas Arnaldo Fabrício dava largas ao seu gosto pela oratória.

Mas começara então uma certa rivalidade entre os chamados *parisienses* e os *bordaleses*. Conflitualidade que era também de gerações e ideológica. Diogo de Gouveia era um teólogo intransigente, agarrado à filosofia escolástica, que não pactuava com as ideias inovadoras de Erasmo, que eram vistas com simpatia pelo sobrinho André e seus pares. Facto que também deve ter contribuído para que o Colégio de Bordéus se tornasse cada vez mais procurado pelos alunos, perante o prestígio crescente do pensamento de Erasmo na Europa.

Arnaldo Fabrício alude à excelência que André de Gouveia imprimira ao Colégio da Guiena, dizendo: *Assim, todos os dias saem daquele teu Colégio, como de uma excelente oficina de artistas, muitos poetas, oradores e filósofos, dos quais uns abraçam a profissão de professores, outros entregam-se à Jurisprudência, à Medicina, à Teologia. Todos eles, tal como estando tu presente te traziam nos seus olhos e te abraçavam como a um pai, assim agora ausente, procuram-te, choram-te e guardam de ti uma grata recordação*.¹⁰ E o autor da *Histoire du Collège de Guyenne*, Gaullieur, incluiu no seu trabalho uma carta escrita em latim, por um dos Mestres do Colégio, Roberto Britanno, para João de Ciret, afirmando, com entusiasmo, que a instituição em que lecciona não é uma Academia vulgar, uma vez que, pela qualidade do ensino e pela disciplina, podia ombrear com a de Paris.¹¹

⁹ Vd. Michel de Montaigne, *Essais*, I, cap. 25.

¹⁰ Vd. Fabrício, *op. cit.*, p. xxxij; cf. infra, p. 59.

¹¹ Vd. Roberti Britanni, *At Trebatensis, Epistolae* (cit. por Gaullieur, *op. cit.*).

E a fama do Colégio de Bordéus logo chega a Lisboa quando a cidade estava a transformar-se numa grande urbe, talvez até demasiado cosmopolita, com um fervilhar intenso de vida diplomática e comercial e, por isso, muito ruidosa para oferecer aquela tranquilidade propiciadora de estudo e reflexão. Já o humanista André de Resende, na notável Oração de Sapiência, *Oratio pro Rostris*, que pronunciara em 1534, preconizava a mudança da Universidade para uma terra repousante que em breve sofreria o desenvolvimento necessário, de modo a tornar-se num centro aprazível de estudos, à semelhança do que acontecera em terras estrangeiras. Comentava ainda que o atraso das nossas instituições escolares se devia à falta de condições e ao abandono a que foram votadas e não à míngua de talentos, pois conhecia portugueses que no estrangeiro publicavam obras que podiam rivalizar com as de autores antigos.

Um dos aspectos importantes desta oração de André de Resende, um dominicano egresso, é ainda a chamada de atenção para a possibilidade de um plebeu atingir um estrato social novo com o cultivo das letras. Alguns anos mais tarde, Arnaldo Fabrício insistirá nesta nota. É a *humanitas* sobre a *nobilitas*.¹²

Em Março de 1537, a Universidade principiara a funcionar em Coimbra, abrindo uma página importante na sua história, correspondendo a uma certa *refundação*. Coimbra adquiriu assim o privilégio de ser sede única dos Estudos Gerais do Império Português. Mas era urgente fazer regressar os professores portugueses e alunos às centenas que se encontravam no estrangeiro, principalmente em Salamanca, Paris e Bordéus. Estavam presos às boas condições de trabalho encontradas e à abundância de colégios e pousadas que os acolhiam, principalmente aos clérigos e monges com menores recursos.

D. João III e os seus conselheiros procuravam novas soluções para dotar a Universidade de mais espaços e de criar na cidade instalações apropriadas à fixação de mestres e alunos. É então que irá surgir na Baixa de Coimbra uma nova rua, consagrada a Santa Sofia, planeada a partir do Mosteiro de Santa Cruz e onde foram edificados vários colégios. Era uma realização urbanística inédita no nosso País: a construção de uma artéria universitária, à semelhança de outras existentes em países europeus.¹³

O plano de reforma educativa passava essencialmente pela criação de um nível propedêutico de acesso à Universidade e por alterações no sistema de ensino do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, dirigido pelos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, que, entre nós, ficaram conhecidos pela designação de Padres Crúzios. O Mosteiro de Santa Cruz sempre fora uma instituição prestigiada desde que D. Afonso Henriques a considerou como um pilar importante ao seu desejo de expansão.

¹² Vd. José Mattoso, (Direcção de), *História de Portugal*, Círculo de Leitores, 1993, Vol. III, pp. 385 e 386.

¹³ Vd. Margarida Alçada, (Directora) *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, Setembro 2006, pp. 25 e 26.

E Brás de Braga, um humanista da Ordem dos Jerónimos, que estudara em Paris e se doutorara em Teologia pela Universidade de Lovaina, fora encarregado por D. João III da reestruturação das escolas do Mosteiro de Santa Cruz.

Também Brás de Barros e Frei Diogo de Murça tiveram a missão de proceder a reformas em curso, numa tentativa de desvincular a Academia da tutela monástica, afim de que no cultivo das boas-letas não fôssemos excedidos pelos estrangeiros.¹⁴

A reforma joanina tornava-se longa, e o período entre 1537 e 1543 foi marcado por hesitações. Mas D. João III não desiste da prossecução dos seus objectivos, a modernização cultural do País, dentro de princípios renovadores. A partir de 1542, tomara já a firme decisão de fundar em Coimbra um Colégio de Humanidades, tanto mais que, no ano anterior, Diogo de Murça, reitor da Universidade, informava o Rei de que, apesar dos esforços feitos, a Universidade não tinha atingido grande brilho *nos princípios da Latinidade*.

D. João III compreende então a necessidade premente da criação de um ensino humanístico exigente, à semelhança daquele que existia na Europa evoluída, com colégios de matriz laica e cristã, que muito se diferenciavam dos monásticos e clericais. Só assim Portugal se tornaria num País moderno à altura das Descobertas. E em 1543, escreve a André de Gouveia a pedir-lhe que viesse a Portugal, a fim de tratarem da organização de um bom colégio que pudesse rivalizar com os estrangeiros.

André de Gouveia, apesar de estar no auge da sua carreira, é sensível ao pedido do Rei e vê chegado o momento de ser útil à Pátria (*e não existe nenhum amor maior do que este*), no dizer de Arnaldo Fabrício.¹⁵ Tanto mais que o humanista tinha bem presente a Pátria e acalentava o desejo de lhe ser útil, como se prova por uma carta que de Bordéus escreveu ao amigo Rui Fernandes, em 1537. Nela fala das belíssimas condições materiais que a cidade de Bordéus lhe proporcionava, mas confidencia: *todavia me parece nada porque nã vivo na patria e faço nella algum fruyto: e Deus sabe meu zelo e vontade quã grande he de poder nela frutificar*.¹⁶

Entrega então a regência do Colégio da Guiena a João da Costa e parte para Portugal. As negociações, nas suas linhas gerais, correram bem e André de Gouveia recebe de D. João III plenos poderes para proceder à organização de estudos do colégio e para nomear professores. E na Primavera de 1544 regressa a França e começa meticolosamente a trabalhar para dar cumprimento à promessa feita a D. João III.

Em Portugal o ambiente era mais propício à inveja e à intriga, alimentada pela conflituosidade entre *parisienses* e *bordaleses*, pairando já o espírito de intolerância da Inquisição. Logo a 3 de Fevereiro de 1544, o Rei recebe uma carta de Diogo de Gouveia a insinuar que o sobrinho André partilhava das doutrinas de Lutero e não

¹⁴ Vd. Joaquim Verríssimo Serrão, *História de Portugal*, Volume III (1495-1580), Verbo, 1978, p. 358.

¹⁵ Vd. Fabrício, *op. cit.*, p. xxxij; cf. *infra*, p. 59.

¹⁶ Vd. Cit. de Marcel Bataillon, *Études sur le Portugal au temps de l'humanisme*, 1952, p. 112.

sabia Teologia. D. João III parece não se deixar influenciar, mas os preparativos para a instalação do Colégio Real, que ficaria conhecido pela designação de Colégio das Artes, faziam-se com demasiada lentidão.

André de Gouveia continuava firme no seu objectivo de criar mais um colégio de fama internacional. Conhecedor das melhores instituições no estrangeiro, sabia que o êxito do novo colégio que ia dirigir passava não só pela escolha dos melhores Mestres e regulamentos, mas também pela biblioteca e pela arquitectura do edifício, e de tudo se ocupava. Pela Europa fora, os construtores de colégios universitários tinham encontrado um plano arquitectónico em que o traçado dos espaços obedecia já a objectivos profanos e não a religiosos, como acontecera até ao Renascimento.

Mas estas alterações causavam alguma apreensão a André de Gouveia, receando que não fossem bem compreendidas em Portugal. Os novos equipamentos, quer construídos de raiz ou adaptados a partir de um imóvel senhorial ou militar, tinham de subordinar-se a concepções humanistas, que exigiam modificações importantes, logo a começar pela introdução de quartos individuais a substituir as antigas celas dos dormitórios monásticos. E a exiguidade do espaço, num colégio projectado para muitos alunos, ainda que desenvolvido em dois ou três pisos, poderia exigir soluções revolucionárias à época, como a biblioteca e a enfermaria serem colocadas em plano superior ao da Igreja, se necessário fosse.

O Colégio das Artes, destinado a ser o centro do ensino das Humanidades, acolheu-se a um espaço junto do Mosteiro de Santa Cruz, que fora ocupado pelos colégios crúzios de São Miguel e de Todos-os-Santos. Numa carta, a 9 de Setembro de 1547, D. João III pedia aos monges de Santa Cruz emprestados os dois colégios para aí instalar o Colégio das Artes, até que *forem feitas as casas que de novo ey de mandar ffazer pera o dito Collegio*.¹⁷

Hoje não conhecemos em plenitude como teria ficado o traçado arquitectónico do Colégio das Artes no tempo dos humanistas, em virtude dos malefícios do tempo, de novos arranjos urbanísticos e das vicissitudes dramáticas que o ensombraram, a passagem para os Jesuítas em 1555 e dez anos mais tarde para a Inquisição. Os novos destinatários do edifício provocaram nele alterações de acordo com os seus objectivos e interesses.

Atento aos últimos pormenores e a pensar nos equipamentos didácticos e tipográficos necessários ao novo colégio, André de Gouveia realizou mais uma viagem a Portugal em 1546 e, no ano seguinte, o Rei aprovava os estatutos. Deviam ser muito semelhantes aos que o humanista redigira para o Colégio da Guiena e que, dado o seu interesse pedagógico, foram mais tarde publicados em Bordéus por Elias Vinet. As disciplinas fundamentais seriam o latim (contava-se com a existência de dez classes de latinidade), o grego, o hebraico, as matemáticas e a filosofia. Uma das deficiências do ensino humanístico era o interesse muito restrito pela Física.

¹⁷ Vd. Margarida Alçada, *op. cit.*, p. 46.

Aproximava-se então o grande momento da abertura do Colégio das Artes, onde, além de outros, um escol de Mestres *bordaleses* iria leccionar. André de Gouveia regressara definitivamente a Portugal, fazendo-se acompanhar por Arnaldo Fabrício, a quem, segundo Gaullieur, consagrava grande amizade, *Gouvéa le tenait dans une estime toute particulière*.¹⁸

No grupo vieram ainda Jorge Buchanan, já um poeta latino conhecido, Nicolau de Grouchy, considerado um dos melhores Mestres de Retórica e Guilherme de Guérent. Os outros Mestres, que chegaram num segundo grupo, foram Elias Vinet, João da Costa, Diogo de Teive, António Mendes e Patrício Buchanan.

Eis chegado o dia 21 de Fevereiro de 1548, data da inauguração do Real Colégio das Artes, que ficaria assinalada como um marco na História do Humanismo português. A abertura do acto solene fez-se com uma bela Oração de Sapiência, pronunciada em estilo ciceroniano. A escolha do orador, na celebração de acontecimentos importantes, é sempre um acto criterioso a merecer o maior cuidado.

André de Gouveia, que nada deixava ao acaso, deve ter sido influenciado na sua decisão de escolha pelo talento da arte oratória de Arnaldo Fabrício e pelo seu bom conhecimento da língua latina, particularmente da obra de Cícero. Gaullieur menciona G. de Lubre, autor da obra *De Viris Illustribus Aquitaniae*, pelo facto de o autor incluir Arnaldo Fabrício entre as personalidades de que se ocupou, apresentando o orador como um brilhante estudioso das ideias e da linguagem de Cícero que sabia utilizar nos escritos, afirmando: *Fuit enim Fabricius Ciceroniani sermonis, studiosus, copiosa rerum et uerborum oratione abundans*.¹⁹ Conhecimentos que o humanista francês deve também ter patenteado nas suas cartas latinas, publicadas em 1571 por Bartolomeu Berton, em La Rochelle.²⁰

A *Oração Sobre os Estudos das Artes Liberais* certamente fora ouvida com agrado por aquela famosa e erudita assembleia. O discurso eloquente, como preconiza Cícero, no *Orator*, devia convencer, deleitar e comover os ouvintes, e assim terá acontecido. Todo o discurso pretendeu e conseguiu, com ênfase oratória, mostrar que as humanidades eram dignas não só dos homens nobres e livres como dos cidadãos mais capazes e estudiosos. O Colégio das Artes ia oferecer a formação, intelectual e moral, necessária ao desempenho da vida social e política, permitindo aos alunos mergulhar e reflectir nos ensinamentos das obras de cultura clássica. Portanto, nada melhor do que sensibilizar os discípulos e a classe dirigente para a importância do mérito e do valor formativo das disciplinas fundamentais que ali iam ser ministradas.

Os humanistas sentiam um deslumbramento, quase sem limites, pela cultura clássica, mormente pela obra de Marco Túlio Cícero. A oração de Arnaldo Fabrício

¹⁸ Vd. Gaullieur, *op. cit.*, p. 101.

¹⁹ Cit. de Gaullieur, *op. cit.*, p. 101.

²⁰ Cit. de Gaullieur, *op. cit.*, p. 203.

é toda ela pronunciada em bom estilo ciceroniano. Tanto mais que o maior orador da língua latina, deixara um modelo para estes discursos, *Oratio pro Archia poeta*, um magnífico elogio das letras, que considerava que eram os artistas, os poetas, os filósofos e os oradores que contribuíam para o progresso da humanidade. E o *Pro Archia* tornou-se uma obra de eleição para os humanistas, principalmente para os que discursavam nas universidades ou instituições afins e aspiravam a exaltar o cultivo das letras num texto que pudesse, se possível, rivalizar com o do Mestre, Marco Túlio Cícero.

Mas o *Pro Archia* só por si não chegava para escrever uma boa oração em estilo ciceroniano que tecesse o elogio das diversas disciplinas e Arnaldo Fabrício, como outros bons oradores humanistas, precisava de dominar toda a obra de Cícero, tanto a filosófica, como a retórica e forense. Em vários passos do seu discurso, há a influência, mais ou menos pronunciada, de outras obras de Marco Túlio, tais como: *De Inuentione*, *De Republica*, *De Legibus*, *Tusculanae Disputationes*, *De Senectute*, *Paradoxa ad M. Brutum*, *De Diuinatione*, *De Oratore e Orator*, *Pro Murena*, etc. Só esse conhecimento alargado permitiria salientar o mérito de cada uma das disciplinas e ainda avaliar o contributo filosófico e a utilidade prática que elas emprestavam ao desenvolvimento harmonioso do género humano e das cidades.

Quanto à oração e ao seu desenvolvimento, Arnaldo Fabrício começa por uma espécie de prefácio, dirigido ao leitor, em que refere as duas causas que o levaram à publicação do texto. Confidencia que, após os primeiros momentos de profundo desgosto sofrido com a morte de André de Gouveia, pensou que a publicação do discurso seria uma justa homenagem prestada ao amigo a quem tanto admirara. A segunda causa motivadora da edição foi admitir que, perante a abundância de argumentos apresentados, os jovens se sentiriam motivados ao estudo das artes e ficariam gratos a D. João III, que tudo fez para que a juventude portuguesa tivesse um ensino de qualidade como a de França e a de Itália.

Confessa também que no “versar lugares comuns” recorreu a Cícero, mas procurou fazê-lo com alguma independência, não receando a crítica dos censores.

Seguidamente, no exórdio, apresenta, em traços muito rápidos, a ideia-base de todo o discurso, isto é, as vantagens individuais e colectivas que se podem colher do estudo das artes e o papel civilizador que elas encerram. Mas a sua dignidade é tão magnífica que, apesar de todo o empenhamento, receia não estar à altura do convite feito por André de Gouveia e pede, por isso, a simpatia e a benevolência do auditório.

Entra então na exposição do assunto que pretende tratar. Através de uma digressão filosófica, mostra que em toda a criação o homem ocupa a primazia. Deus criou-o formado de corpo e alma e esta possui apenas rudimentos da virtude e do bem que se aperfeiçoam e desenvolvem com o cultivo das artes. Entre elas, ocupa o primeiro lugar a Sabedoria, o seu estudo é a Filosofia, que procura dar ao homem a noção de uma vida feliz, levando-o a conhecer-se a si próprio e a saber viver em sociedade. Enumera então as vantagens do estudo da Filosofia.

Mas o orador está atento à existência de homens que apenas se deixam impressionar pelo lucro e pelo proveito e passa a abordar aquelas Ciências cuja utilidade se torna mais imediata. Principia pelas Ciências que designa por Matemáticas: a Aritmética, a Música, e mostra que, entre os Gregos, sem o conhecimento desta arte, ligada à Matemática desde os pitagóricos, ninguém era considerado culto; a Geometria e a Astronomia, salientando a sua importância nas Descobertas; passa então à Gramática, a que chama a ciência das letras, à Dialéctica e à Retórica e desta à Eloquência e à Jurisprudência e, por último, aborda a importância da Medicina. De notar que não há referência à Teologia como acontece noutras orações da época, ainda que o autor se revele um humanista cristão.

Após Arnaldo Fabrício ter enumerado cada uma das vantagens que encontra no cultivo das artes, faz, em síntese, o seu elogio genérico e lembra que apenas através delas ou da ciência militar os cidadãos podem atingir o mais alto grau da honra e da fortuna. No entanto, entende que o estudo das Humanidades e da Poesia deve prevalecer sobre a ferocidade das armas. Tece ainda o elogio da escrita que desempenha papel relevante contra o esquecimento; sem o testemunho da História toda a civilização humana ficaria sepultada nas trevas.

Alude à barbárie que durante séculos soterrou a cultura humanística que só saiu dos escombros graças à generosidade de príncipes e de reis, o que lhe permite fazer o elogio do Rei ilustríssimo, D. João, que conseguiu também para a Lusitânia a distinção das letras e difundiu a civilização nas terras conquistadas. Por último, dirige-se a André de Gouveia, a quem trata por “nosso eminentíssimo guia” e lembra, com emoção calorosa, o prestígio por ele alcançado na regência dos Colégios, de Santa Bárbara em Paris e no de Guiena em Bordéus. Não deixa ainda de proclamar o êxito que em breve o Colégio das Artes alcançaria.

Por último, na peroração, dirige-se ao auditório e em particular aos alunos, pedindo-lhes que se entreguem com entusiasmo ao estudo das Humanidades e das Ciências, tanto mais que, uma vez que lhes são facultadas todas as condições e facilidades, não aconteça que só eles faltem a si próprios.

A oração foi editada pela primeira vez em Setembro de 1548, em Coimbra, na oficina dos impressores régios, João Barreira e João Álvares. E a sua publicação, passados poucos meses após o discurso ser pronunciado, mas já num período em que a Inquisição estava a perseguir os humanistas, talvez represente um acto de coragem de Arnaldo Fabrício. Desta 1.^a edição são conhecidos três exemplares, o da Biblioteca Municipal do Porto, o do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e o da Biblioteca Nacional de Lisboa.²¹ Existe uma 2.^a edição, que é uma reimpressão da 1.^a, realizada em 1926, também em Coimbra pelo Professor Mário Brandão, que se

²¹ O exemplar da Biblioteca Municipal do Porto está contido num volume com capa de couro e na lombada lê-se: *Coelli/Obras Várias*. Na 1.^a folha do referido volume, escrito à mão em latim, existe como que um índice. Seguidamente, há 188 folhas impressas e delas fazem parte sete Orações: de Arnaldo Fabrício; de Inácio de Morais, de André de Resende (1551);

baseou no texto impresso da Biblioteca Municipal do Porto. A 3.^a edição é também de Coimbra, de 1937, e foi elaborada pelo Dr. Luís de Matos, que publicou a oração de Arnaldo Fabrício juntamente com mais três: a de Belchior Beleago, a de André de Resende e a de Hilário Moreira, e utilizou o manuscrito da Biblioteca Nacional.

Quanto aos manuscritos conhecidos: o da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, o da Biblioteca Nacional de Lisboa e o da Biblioteca Pública de Évora, são cópias do texto impresso. Como se perdeu o rasto do manuscrito original, foi o texto da edição quinhentista que preferimos, ainda que também nos tenhamos debruçado sobre as variantes dos manuscritos conhecidos, numa tentativa de fixar o texto tal como ele terá saído da pena de Arnaldo Fabrício.²²

de Pedro Fernandes; de Hilário Moreira; de António Pinto e de Belchior Beleago; além de composições em prosa e em verso de Jorge Coelho e de Manuel da Costa.

A mancha tipográfica está em bom estado.

O volume do Arquivo Nacional da Torre do Tombo é uma miscelânea de obras em prosa e em verso. A capa é de carneira fina, de cor esbranquiçada e na lombada lê-se o nome dos autores dos textos. Apresenta duas Orações, uma de Diogo de Teive, pronunciada em honra do casamento dos príncipes ilustríssimos D. João e D. Joana, futuros pais de D. Sebastião, e a outra de Arnaldo Fabrício; um texto de Damião de Góis, dirigido ao infante Ludovico e o texto *De Bello Cambaico Commentarius primus, secundus et tercius*; composições várias em prosa e em verso de Nicolau Coelho; e ainda uma *Sacro Chronologia*.

O estado de conservação é regular.

E o exemplar da Biblioteca Nacional tem uma encadernação de pele castanha, dizendo na lombada: *Arnoldus / MD XLVIII*. É apenas constituído pela Oração de Arnaldo Fabrício e por composições e epigramas do notável jurista e poeta António de Gouveia.

²² Além do manuscrito original, é provável que ainda no século XVI tenham surgido outros, quer copiados directamente do original, quer de textos impressos, mas cuja localização é desconhecida.

Quanto aos manuscritos conhecidos, são os seguintes:

C – O manuscrito n.º 527 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Está encadernado em carneira castanha com uma lombada de letras diluídas, onde poderia ler-se: Orações Latinas. Dele fazem parte os seguintes textos: a Oração de Arnaldo Fabrício, a de Belchior Beleago, duas orações de temas religiosos e a de Jerónimo Cardoso, pronunciada na Academia de Lisboa, com o tema, O Elogio de Todas as Disciplinas. Deste autor há ainda um texto sobre um tremor de terra.

Anexo ao manuscrito com dois agrafos encontra-se a Oração de André de Resende, pronunciada no Colégio Real de Coimbra em dia de aniversário consagrado à sua fundação. O volume tem 296 páginas e a Oração de Arnaldo Fabrício vai desde a página 53 a 101.

O manuscrito apresenta muitos lapsos: faltam algumas frases, as palavras gregas não aparecem, há confusão na conjugação verbal; desordem no emprego do acusativo e do ablativo e, na terceira declinação, entre o genitivo do singular e o nominativo, vocativo e acusativo do plural.

Quanto a particularidades gráficas são as habituais em manuscritos desta época: pontuação desordenada, confusão no emprego de maiúsculas e o 'm' final substituído pelo til (primû); o grupo 'ct', ora reduzido a 't' (completebatur), ora surge onde não devia existir (audictores); frequentíssima confusão entre 's' e 'c' (ciderumq.), e o 's' intervocálico tem por vezes a grafia 'z' (cauza), etc., etc.

L – É o manuscrito n. 3.174 F. G. da Biblioteca Nacional. Está em razoável estado de conservação, a encadernação é de pele castanha e entre as pequenas nervuras da lombada ainda se consegue ler *Oration* (a terminação da palavra devia ter ficado cortada), *Latinae*. Dele

O que importa é que a *Oração Sobre os Estudos das Artes Liberais* é bem representativa da sua época, e o autor segue com elegância e equilíbrio as normas da estilística latina e da arte oratória. O orador renascentista, à semelhança do seu modelo, Cícero, soube transmitir-nos um belo elogio das letras, utilizando um vocabulário preciso, uma sintaxe rigorosa e amplos períodos ritmados, principalmente no meio e no fim das frases.

Numa língua como a latina, e também a grega, formada por uma sucessão de sílabas breves e longas, ao lado de tónicas e átonas, os ouvidos dos romanos habituavam-se desde tenra idade a distingui-las. E os escritores tiravam efeitos literários dessas combinações de acordo com os objectivos pretendidos, exprimindo-se numa prosa rítmica. O seu uso regular não era exclusivo da poesia: também surgia na prosa, que empregava com maior liberdade determinados arranjos de sílabas breves e longas, designados por pés. Cícero, que atribuía a maior importância social e política ao orador, entendia que não lhe bastava ter uma enorme cultura, mas era também necessário saber articular as partes do discurso e preocupar-se com a cadência das frases através das cláusulas métricas. Nos seus livros de retórica, principalmente no *Orator* e no *De Oratore*, teoriza acerca do ritmo oratório para a obtenção de determinados efeitos estilísticos.

E é principalmente no fim das frases, nas cláusulas, a fechar os períodos, que Marco Túlio emprega a combinação de sílabas breves e longas com maior rigor e harmonia de cadência. A análise dos finais das frases das suas obras, principalmente dos discursos, mostra-nos que o orador punha o maior cuidado na escolha dessas cláusulas que variavam conforme o tema tratado e os efeitos pretendidos. Em Cícero as cláusulas mais frequentes são constituídas por dicoreus (– ∪ – ∪), para o escritor a cláusula mais bela, por créticos (– ∪ –), seguidos de espondeus (– – ∪) e outras combinações de créticos, péones (péone 1º (– ∪ ∪ ∪) e péon 4º (∪ ∪ ∪ –) e espondeus. Mais raramente usa o iambo (∪ –) e o dácilo (– ∪ ∪).

Entre outros autores, Laurand, na obra *Études sur le style des Discours de Cicéron*, referindo-se às cláusulas métricas latinas, afirmou: *A ce point de vue, les plus fervents cicéroniens du XVI siècle, les plus habiles à manier le latin ne ressemblent guère à Cicéron*. Mas na *Oração Inaugural do Colégio das Artes* verifica-se que Arnaldo Fabrício, talvez por aliar o bom domínio da língua latina a preocupações

fazem parte quatro orações conhecidas, pronunciadas em Coimbra no século XVI: a de Arnaldo Fabrício, a de Belchior Beleago, a de André de Resende, 1551, e a de Hilário Moreira.

O manuscrito tem 128 folhas escritas, e 32 pertencem à *Oração* de Arnaldo Fabrício. Apresenta relativamente poucos erros. Há, no entanto, algumas palavras mal escritas, outras omissas, confusão entre casos e formas verbais no singular, quando deviam estar no plural, e tem particularidades gráficas semelhantes às do manuscrito anterior.

E – O códice CXII da Biblioteca Pública de Évora é o único manuscrito com o qual não tomámos contacto directo. Contém, entre outras composições, quatro *Orações* latinas, a de Belchior Beleago, a de Arnaldo Fabrício, a de Hilário Moreira e a *Oratio in funere Philippi II*.

Dos manuscritos conhecidos, contendo a *Oração* de Arnaldo Fabrício, este parece ser o mais antigo e deverá remontar ao século XVII.

estético-literárias, características da arte oratória, emprega, nos finais dos períodos e em momentos principais do texto, as cláusulas métricas que se encontram nas mais notáveis obras de Cícero e que emprestam ao discurso do humanista um ritmo harmonioso e cadenciado. E a mero título exemplificativo, transcrevemos as cláusulas métricas do final dos últimos quatro períodos da Oração:

Impulisti – dicoreu
tandem paeniteat – espondeu e péon 1.^o
incumbendum – espondeu e espondeu
defuisse uideamini – péon 1.^o e crético

Arnaldo Fabrício, neste texto oratório, procurou ir ao encontro do orador ideal de Quintiliano, *uir bonus dicendi peritus*, isto é, bom cidadão, hábil na arte de dizer.

Só que não teve muito tempo para aceitar os aplausos. As aulas no Colégio das Artes principiaram logo, no dia seguinte à inauguração, e Arnaldo Fabrício e os seus colegas lá estavam a leccionar uma juventude ávida de captar o saber de além-fronteiras.

Aparentemente tudo parecia estar a correr bem no Real Colégio das Artes. Era uma escola moderna, inovadora, e os alunos eram atraídos pelos nomes sonantes do Humanismo europeu. André de Gouveia, numa carta dirigida ao Rei, de 13 de Março de 1548, dava conta do êxito do Colégio: *Os alunos passam já de oitocentos e segundo o que vejo antes de um ano ajuntarei duas mil ovelhas ou bem perto delas. Estão em tanto sossego e continuam tão bem seus estudos, que faz espanto a todos.*²³

Mas nessa mesma carta, há também alguma apreensão. O espaço dos dois colégios, São Miguel e Todos-os-Santos, que o Colégio das Artes fora ocupar, logo se tornara exíguo. A expensas de D. João III principiaram obras de ampliação, avançando pela rua da Sofia para norte e para nascente. E André de Gouveia manifestava as suas preocupações ao Rei. Em seu entender, o responsável da obra, João de Castilho, não estava a interpretar bem o projecto que tinha sido *elaborado* por João de Ruão e desabafava: *bem sei que todos elles entendem tão pouquo em fazer collegio como eu o quero e deve de ser como aquelles que nunca fizerã outro senã para frades.*²⁴

E esse espírito anquilosado que André de Gouveia temia iria persistir e até agravar-se. Decorridos apenas escassos meses, após a prometedor inauguração do Colégio das Artes, surgiu, para alguns por doença suspeita,²⁵ a morte inesperada de André de Gouveia, a 9 de Junho de 1548! E aquele Colégio, farol de esperança na transformação do ambiente universitário, começava a ruir, minado pela Inquisição e pela rivalidade entre Mestres *bordaleses e parisienses*.

²³ Vd. José Mattoso, *op. cit.*, p. 390.

²⁴ Vd. Margarida Alçada, *op. cit.*, p. 48.

²⁵ Vd. Joaquim Veríssimo Serrão, *op. cit.*, p. 360.

Os amigos e colegas de André de Gouveia ficaram mergulhados numa dor profunda e Arnaldo Fabrício deixou-nos um testemunho comovente dessa angústia. Os humanistas vieram para Portugal não só atraídos pelas generosas recompensas de D. João III, como ainda pelo bom ambiente de trabalho e amizade que André de Gouveia proporcionava a todos os que participavam nas suas realizações educativas. A este propósito, Quicherat salienta a perfeita harmonia que reinava entre o Principal André de Gouveia e os membros do seu Colégio: *André de Gouvêa fut un véritable monarque dans son royaume, et un monarque selon l'idéal du moyen âge, c'est-à-dire qui gouvernait avec l'assistance de ses pairs.*²⁶

Após a perda do amigo, em Portugal, já quase nada havia a prender os humanistas, tanto mais que passaram a ser sombrios os acontecimentos que se desenrolavam no Colégio das Artes. D. João III, influenciado pelas cartas do velho teólogo de Paris, escolheu para novo Principal do Colégio o seu sobrinho dilecto, Diogo de Gouveia Júnior, primo de André. Os professores *bordaleses* pugnavam por João da Costa, tanto mais que no Colégio da Guiena era ele quem substituíra André de Gouveia quando este vinha a Portugal.

E a agravar o mau ambiente gerado, um novo golpe se abateu sobre o Colégio das Artes com a provisão de 8 de Novembro de 1549 que o tornou dependente hierarquicamente da Universidade, subtraindo-lhe uma boa parte da autonomia intelectual e ideológica pela qual André de Gouveia se batera. Não surpreende, portanto, que os seus companheiros sentissem que foi em vão a sua vinda para Portugal. Logo em 1550, o Santo Ofício inicia processos e prisões de humanistas ilustres, como João da Costa, Diogo de Teive e Jorge Buchanan com a acusação de manifesta simpatia por algumas das ideias reformistas de Lutero. Alguns Mestres já em 1549 tinham deixado Portugal, como Elias Vinet e Patrício Buchanan. É natural que também por esta altura Arnaldo Fabrício tivesse regressado a França, tanto mais que já cumprira o que prometera a si próprio: a publicação da oração em homenagem ao amigo falecido.

Gaullier apenas justifica, com a falta de saúde, a saída do orador de Coimbra. E esta deve ter sido a razão que levou Arnaldo Fabrício à terra natal, enquanto Vinet regressou a Bordéus e Patrício Buchanan a Paris. Mas a amizade entre Arnaldo Fabrício e Elias Vinet perdurou. Nas epístolas latinas de Arnaldo Fabrício, há uma, datada de 26 de Março de 1556, que enviou a Elias Vinet, a propósito da sua nomeação para Principal do Colégio da Guiena, em que salienta o talento intelectual e as qualidades de carácter do amigo, à boa maneira das epístolas trocadas entre os humanistas.

Quanto às notícias chegadas de Coimbra a França, não eram animadoras. O Colégio das Artes fora entregue aos Jesuítas e, a partir de 1565, a Companhia de Jesus preferiu instalá-lo na parte alta da cidade. E o local destinado a baluarte da renovação cultural do País passou a ser sede do Tribunal da Inquisição e de novo

²⁶ Vd. Quicherat, *op. cit.*, p. 238.

voltaram as celas para albergar os inquisidores que organizavam processos contra insignes humanistas!

Mas nem tudo se perdeu, ficou pelo menos na História do nosso Renascimento, a Oração ciceroniana de Arnaldo Fabrício e a memória do esplendor cultural da inauguração, em Coimbra, do Colégio das Artes, que levou o humanista convictamente a afirmar: *em breve será o mais célebre de toda a Hispânia*²⁷. E assim devia acontecer se Portugal não fosse à época um cadinho de tremendas contradições.

MARIA JOSÉ PACHECO

²⁷ Vd. Fabrício, *op. cit.*, p. xxxi; cf. *infra*, p. 59.

(Página deixada propositadamente em branco)

TEXTO E TRADUÇÃO

ARNOLDI FABRICII
ACQVITANI

DE
LIBERALIVM ARTIVM
STVDIIS ORATIO

Conimbricae habita
in Gymnasio Regio pridie quam
ludus aperiretur. IX. Cal. Martii
M. D. XLVII

CONIMBRICAE
Apud Ioannem Barrerium et Ioannem Alvarez
M. D. XLVIII

ARNALDO FABRÍCIO
AQUITANO

ORAÇÃO
SOBRE O ESTUDO
DAS ARTES LIBERAIS

Pronunciada em Coimbra
Na véspera da inauguração do Colégio Real
Em 21 de Fevereiro
M. D. XLVIII

COIMBRA
Na tipografia de João de Barreira e João Álvares
M. D. XLVIII

[ii]

ORATIONEM de liberalium artium studiis hic a me anno superiore habitam, cum iam iam editurus essem, repentinus mortis Andreae Goueani casus interuenit fecitque ut studium hoc meum deponendum mihi primum statuerem. Viro enim illo quo auctore ad dicendum accesseram, extincto eam luce indignam, eoque perpetuis tenebris damnandam esse existimabant.

Deinde uero gratissima beneuolentiae, qua me ille complectebatur, recordatio, in summo ipsius desiderio animo meo identidem obuersans ab ea me sententia deduxit; atque perpulit ut de quo uiuo in celebri conuentu dicendo honorificentissime praedicaram, eidem mortuo quam debebam, memoriam edita oratione praestarem, praesertim cum mea illa actione aliter non tam eius uirtuti uerum testimonium, quam praeconium quoddam fuisse tributum uideri posset.

Porro autem adolescentes artium, quae summis ac ueris laudibus hic ornantur, studiis deditos hoc officio demereri uolui, qui cum ad cognitionem illarum, quibus tot, tantaque, ad omnem uitae partem proposita sunt praemia, hac laudatione, cohortationeque mea sentient se fortasse non parum moueri, libenter agnoscent, quantum hoc uno litterarum nomine illustrissimo ac sapientissimo Regi debeant; qui dum acria Lusitaniae iuuentutis ingenia politissima Gallorum et Italarum aduenticia doctrina cultiora reddantur, nullis sibi ea in re sumptibus parcendum putat.

Illud uero neque, dissimulabo neque, me fateri pudebit, in hac locorum communium tractatione loca quaedam quae ad hanc rem maxime pertinere **[iii]** uidebantur a M. Cicerone me mutuatum esse; ita tamen, ut uerbis, ac ipsis propemodum rebus commutatis ea ut imitator in usum meum transtulerim. In quo, si modo meus hic labor non omnino frustra susceptus uidetur, spero meliori fore me condicione, quam cui uni Ciceronis imitatio nunc demum uitio, culpaeque tribuatur.

Quae aliis tot uiris nostra memoria summam apud omnes eloquentiae laudem, admirationemque comparauit. Quorum exemplo equidem me ab omni uituperatorum calumnia sic sartum tectum apud aequum lectorem conseruatum iri confido, ut in re quae laudem etiam meretur, delicti ueniam minime mihi petendam esse existimem.

Itaque iam ad orationem ipsam accedamus.

[iiij]

QUANDO estava para publicar a Oração, que pronunciei aqui o ano passado, sobre o estudo das Artes Liberais, surgiu o acontecimento inesperado da morte de André de Gouveia e fez com que, de início, eu pensasse que devia pôr de parte este meu trabalho. Na verdade, extinta a luz desse homem ilustre que me convidara a pronunciar a Oração, considerava-a indigna de ser publicada e, por isso, condenada às trevas do esquecimento.¹

Depois, a recordação dulcíssima da amizade que ele me consagrava, sempre presente no meu espírito, com imensa saudade, afastou-me dessa determinação e incitou-me a prestar com a publicação do meu discurso a merecida homenagem a esse homem desaparecido, que eu tanto enaltecera, enquanto vivo, naquela douta assembleia; sobretudo, porque de outra forma, as minhas palavras poderiam parecer não tanto um sincero testemunho prestado às suas qualidades, mas um mero panegírico.²

Além disso, quis com o meu trabalho incitar os jovens a entregarem-se ao estudo das artes que aqui se enaltecem com os mais elevados e verdadeiros argumentos.³ Quando eles, com este louvor e com a minha exortação, se sentirem talvez impelidos ao conhecimento das artes, que proporcionam durante toda a vida tantas e tão grandes recompensas, reconhecerão de bom grado quanto devem, no aspecto literário, a tão Ilustríssimo e Sapientíssimo Rei.⁴ De facto, entende que não se deve furtar a despesas nesta matéria, contanto que os espíritos perspicazes da juventude lusitana⁵ se tornem mais cultos, em contacto com o saber brilhantíssimo dos Franceses e Italianos.⁶

Não ocultarei, porém, nem terei pejo em confessar que, neste versar lugares comuns, fui buscar a M. Cícero certas passagens que pareciam [iiij] mais concernentes ao tema proposto. Mas fi-lo de tal modo que, mudando as palavras e até quase os próprios assuntos, tudo utilizei como um modelo. Assim, se não parecer que este meu trabalho foi inteiramente inútil, espero estar em melhores condições do que aquele a quem somente a imitação de Cícero pode ser imputada de vício e culpa.⁷

Essa imitação granjeou junto de todos e de tantos homens do nosso tempo o maior elogio e admiração pela sua eloquência. E confio, sem dúvida, que a exemplo destes ficarei tão incólume perante o leitor e resguardado de todas as calúnias dos censores que, num assunto que merece até louvor, julgo não haver, de forma alguma, que pedir perdão pelo delíto.⁸

E, com isto, vamos já à minha Oração.

[v]

SI QVAM TRITVM, Auditores, et passim ab omnibus usurpatum est litterarum nomen, tam uulgo cognita essent commoda, quae ab eis ad communem usum afferuntur, quae nunc a paucis in honore habentur, in summa procul dubio apud omnes tum ueneratione, tum auctoritate essent.

Sed in tanta opinionum prauitate fit, ut qui earum magnitudinem animo assequi nequeunt, ad quancunque aliam uitae rationem delati fuerint, eam ipsam naturae consentaneam; hoc uero studium puerilem quemdam ludum esse arbitrentur, in quo tempus frustra, operaque ponatur.

At ego contra sic statuo: eo bono nullum unquam mortalium generi neque ad pietatem sanctius, neque ad eam inter nos communionem, ad quam nati sumus, tuendam utilius, aut omnino praestantius Dei Optimi Maximi munere concessum fuisse.

Etenim si illustrissimis ueterum monumentis credimus, initio cum homines dissipati hic illicque agerent, primum ii et unum in locum congregati, et feritate agrestis uitae mitigata ciuitates legum, iuris, iudiciorumque descriptione constitutae fuerunt doctorum uirorum moderatione et sapientia.

Posteaque procedente tempore in maximis rebus publicis fidei, iustitiae, rectaeque disciplinae obseruantia stabilitis his auctoribus res maximae gestae; quarum felicitas [vi] cum ad nostram utilitatem pertineat, in iis litterarum beneficio memoriae prodendis eorundem quoque industria, operaque magnum posteris emolumentum inuexit.

Itaque quoniam mihi impositum est onus in tam celebri conuentu hoc tempore dicendi, nequis posthac falso arbitretur operam male collocatum iri, quae ad hoc studium adhibeatur: dicam de eius praestantia atque utilitate quam potero accomodatissime. Nam recenti huiusce Gymnasii constitutione Illustrissimi Regis prudentia et liberalitate instaurata, in hoc praesertim uirorum litteratorum, et his doctrinae studiis deditorum consessu, qua de re debeam potius, quam de litteris uerba facere?

Quarum dignitatem etsi dicendo consequi me posse plane diffido, tamen cum sedulo in hanc rationem incubuerim, tantum abest, Auditores, ut uerear reprehensionem uestram, ut conatum hunc meum in eam, quam opto partem uos accepturos, meque a uobis gratiam initurum sperem, si non tam fraude mea factum, quam rei natura fuerit, ut tantae magnitudini mea cederet oratio.

Quae tamen quo ad rem, de qua agitur, accomodatior exeat, ab ipsa hominis natura capiamus exordium. Sic enim facilius intelligemus quanta praesidia ex litterarum scientia ea sibi comparare, quantasque inde utilitates hominum genus percipere soleat.

Atque ut institutae laudationis expositionem commode persequi possim, uos interea dicentem me, [vij] quaeso, benigne ac diligenter attendite.

[v]

SE FOSSEM, senhores Ouvintes, tão conhecidas do vulgo as vantagens que se tiram do cultivo das letras para a vida prática, como é trivial e por todos usado o seu nome, ainda que poucos sejam os que presentemente as honram, não há dúvida de que gozariam junto de todos da maior veneração e prestígio.

Mas, no meio de opiniões tão errôneas, acontece que aqueles que não podem compreender a sua grandeza se deixam arrastar por qualquer outro género de vida, consentâneo com a sua natureza; e pensam que o estudo das letras é uma espécie de jogo pueril, em que se gasta inutilmente o tempo e a actividade.

Eu sou, porém, de opinião contrária: nada foi oferecido ao homem por graça de Deus Ótimo e Máximo, nem mais sagrado para o sentimento religioso, nem mais útil para defender a convivência para a qual nascemos, ou, de um modo geral, mais excelente do que esse bem.⁹

Com efeito, se dermos crédito às mais fidedignas memórias dos antepassados, de início, os homens viviam dispersos por aqui e ali e, seguidamente, reuniram-se, primeiro, no mesmo local e, após suavizada a inospitalidade da vida agreste, criaram-se cidades dotadas de leis, de justiça e de direito, graças ao governo sensato e à sabedoria de varões doutos.¹⁰

Depois, no decorrer do tempo, por influência desses homens, apoiados no respeito, na fidelidade, na justiça e num comportamento recto, realizaram-se os maiores empreendimentos em obras públicas da maior importância e o seu êxito [vi] estendeu-se até nós; e esta actividade diligente trouxe aos vindouros um grande contributo transmitido pelas letras.

E, assim, porque me foi imposta a pesada tarefa de falar agora numa assembleia tão célebre e para que ninguém no futuro pense erradamente que havia de dar por mal emprego o trabalho que é exigido a este estudo, discursarei o mais apropriadamente que me seja possível a respeito da sua excelência e utilidade.¹¹ Na verdade, após a recente criação deste Colégio, graças à competência e liberalidade de tão Ilustríssimo Rei e, precisamente, na presença de tantos homens cultos e dedicados a estudos desta natureza, sobre que outro assunto poderia eu discorrer senão das letras?¹²

Ainda que eu desconfie, senhores Ouvintes, que ao discursar possa abordar em plenitude a dignidade das letras, contudo tendo-me entregue com tanta aplicação a esta tarefa, estou tão longe de recear a vossa censura que espero até simpatia para o meu esforço, no sentido que desejo; e que me concedais a vossa benevolência, se acontecer que, não tanto por culpa minha, quanto pela natureza do tema em si, a minha Oração não corresponda a tamanha magnificência.

Mas para que ela saia mais apropriada ao assunto que trata, principiaremos pela natureza intrínseca do homem. Deste modo, mais facilmente compreenderemos quanto proveito o ser humano costuma tirar e guardar para si do estudo das letras.

E para que possa apropriadamente desenvolver a elogiosa exposição a que me proponho, [vij] peço que me escutem com atenção e complacência.

Homo animal prouidum et sagax tam praeclara condicione a Deo generatus est, ut inter omnia tam diuersi generis animantia principatum teneat, qui cum constet ex animo et corpore, perspicuum est primas esse animi partes, secundas corporis. In corpore sunt membra sic inter se ipsa constituta, ut figuram, formam, staturam ad naturam quam maxime aptam habeant.

Animus quandam habet praestantiam mentis, cui ingeneratae sunt paruae rerum maximarum notitiae, atque ipsa ratio insita quidem, sed ea non ita perfecta, ut nihil adiumenti extrinsecus requirat.

Talis enim mens est homini data, quae uirtutis, cuius est capax, non nisi elementa habeat. Quocirca artes exquisitae sunt, atque ex notatione, animaduersioneque naturae inuentae: quarum subsidio ad ea quae accepimus, consequentia adiungeremus, et quod in nobis est praestantissimum ab ipsa natura incohatum, perficeremus.

In iis Prudentia, quae recte a ueteribus ars uitae nuncupata est, primum locum obtinet, nam et quae a natura data sunt, sedulo tuetur, et quae desunt, comparat. Ex quo fonte deductae sunt artes, quae idcirco ingenuae et liberales dictae sunt, quod ingeniis liberalius sint dignae. Hae uero sunt quidam habitus animi ad uirtutem, ad quam maxime facti a natura uidemur, rectis studiis quasi subacti, et praeparati, **[vii]** ut Grammatica, Dialectica, Rhetorica, itemque numerorum, sonorum, mensurae, siderum rationes.

Talium itque, satellitum pulcherrimo comitatu prudentia illa Princeps stipata rationem, qua nihil est homini datum praestantius, a natura in mente incohatam harum ministerio magis ac magis perfecit. Quae ratio cum ad summum perducta, et uirtutum choro cumulata est, efficitur illa Sapientia: quae quid aliud est, quam omni uirtutis, et artium genere perfecta, et absoluta ratio?

Quae cum beatae uitae sit effectrix, Philosophiam, quae est studium sapientiae, de eius nomine Graeco uerbo sic dicta, maxime dignam arbitramur, in qua excolenda homines mentis, ingeniique excellentia praediti uersentur. Hanc princeps ingenii, et doctrinae Plato sapienter putauit nihil aliud esse nisi bonum, et inuentum deorum.

Nam cum deum colere; pietatem, iustitiam, animi tum magnitudinem, tum moderationem amplecti; caelestia et aeterna contemplari, humana et caduca pro nihilo habere uere sit diuinum, atque extra humani ingenii sortem positum; quis iam dubitet ueram Philosophiam, quae ad haec omnia nos erudiat, nobis de caelo diuinitus esse dimissam?

Quam ecquis satis digne unquam laudarit? Quae urbes peperit? Quae dispersos homines ad uitae societatem compulit? Quae consociatos, sermonis communionem conciliauit? Conciliatos, connubiis, familiis, **[ix]** affinitatibus coniunxit, et ad utilitatum ac officiorum inter se commutationem, omnemque

O homem foi criado por Deus como um animal providente e sagaz numa condição tão sublime que, entre todos os seres vivos de tão variada espécie, ocupa a primazia e, sendo formado de corpo e alma, é evidente que em ordem de importância, primeiro está o espírito e, em segundo lugar, o corpo.¹³ Neste, justamente, os membros estão dispostos de tal modo entre si que têm o aspecto, a forma e a estatura o mais possível apropriados à sua natureza.¹⁴

O espírito tem a superioridade da inteligência na qual se encontram gravadas pequenas informações das coisas mais importantes e a própria razão nela radica, ainda que de um modo não tão perfeito que não precise de algum auxílio exterior a si.

Na verdade, foi oferecida ao homem uma inteligência específica, que apenas possui elementos de virtude de que é capaz. Razão pela qual se procuraram as artes, encontradas a partir da observação e descrição da natureza humana, a fim de que, com o auxílio delas, acrescentássemos consequências lógicas ao que recebêramos, completando assim o que de mais nobre a própria natureza em nós começara.¹⁵

Entre as artes, ocupa o primeiro lugar a Sabedoria à qual os antigos chamaram, justamente, a arte da vida; de facto ela vela cuidadosamente pelos atributos que nos foram dados pela natureza e procura os que faltam. Desta fonte brotaram as artes que, por isso, se chamaram nobres e liberais, porque são dignas dos espíritos mais aristocratas.¹⁶ Estas representam como que um certo pendor do espírito para a prática do bem para o qual parece sermos destinados pela natureza e como que impelidos e preparados por estudos adequados, [viii] tais como a Gramática, a Dialética, a Retórica e ainda as Ciências Matemáticas, a Música, a Geometria e a Astronomia.

E assim a Sabedoria, qual Princesa, acompanhada por esse formoso cortejo de tais satélites, aperfeiçoa cada vez mais a razão; e nada de mais nobre do que ela foi dado ao homem e que a natureza, pelo ministério dessas artes, desenvolveu na mente humana. É esta razão que uma vez atingida a perfeição e completada pelo coro das virtudes se transforma na própria Sabedoria. E que outra coisa é esta senão a razão perfeita e completada por toda a espécie de virtude e de artes?

E, uma vez que ela é a causa de uma vida feliz, pensamos que a Filosofia, que é o estudo da Sabedoria, assim chamada pelo vocábulo grego com que se designa, é a mais digna de que homens dotados de espírito e talento superiores se ocupem dos seus estudos. Platão, príncipe da inteligência e do conhecimento, considerou-a, sabiamente, como um puro bem e uma criação dos deuses.

Na realidade, prestar culto a Deus, cultivar a piedade, a justiça, a grandeza de espírito, abraçando a temperança, comprazer-se nas coisas celestes e eternas e em nada ter as humanas e efêmeras, como pode não ser verdadeiramente divino e situado para além das possibilidades do talento humano? Quem duvidará que a autêntica Filosofia, que sobretudo nos instrui, nos foi enviada do céu como um presente divino?¹⁷

Quem há que alguma vez lhe tenha prestado o louvor devido?¹⁸ Não criou ela cidades? Não conduziu ela os homens, que estavam até aí dispersos, a viver em sociedade? Depois de os reunir, ela não os tornou amigos pela comunhão da língua? Depois de os reconciliar, não os uniu ela pelo casamento, pela família [ix] e pelo parentesco

humanitatem, artium, iuris, legum, morum disciplina informauit? Haec, praeter tot, tantasque res, quibus communem uitam instruxit, quod erat longe maximum, et difficilimum, unumquemque seipsum nosse docuit.

Quod praeceptum quia maius humana dignitate uideretur, non ab homine ullo, sed Appolinis oraculo putabatur fuisse editum.

Et quoniam corporis nostri non usque adeo obscura, et difficilis est ratio, eo admoneri uidemur, ut animi naturam, uimque praecipue exquiramus.

In quo cum Philosophia ipsa maxime eluceat, si ea magistra nitamur, dispicere poterimus, ac intelligere animum nobis diuinitus datum cum multis aliis praeclaris rebus ornatum, tum ratione, qua ceteris animantibus differimus, praeditum.

Quam cum inchoatam, nec plane perfectam a primo datam nobis esse sensim nos metipsos cognoscendo perspexerimus, si quemadmodum omnes ea praestamus belluis, sic alii aliis antecellere uoluerimus, dabimus operam, ut eam quibuscumque id fieri poterit adiumentis ad summum perducamus.

Est enim sic natura generata uis illa rationis, ut uirtutem ipsam tanquam absolutionem suam potissimum requirat, uirtus uero in agendo cernitur, atqui actionem praecedat rerum cognitio, ex quo efficitur, ut artes ipsae, et doctrinae, quae rerum cognitionem suppeditant, [x] rationi ad uirtutem sint necessariae, quibus quasi gradibus ad eam perueniat.

Quae cum ita sint, iam satis constare arbitror, quanta sit harum artium dignitas, quae ad id quod est in homine praecipuum, omni ex parte absoluendum, tale, tantumque afferant adiumentum.

Sed quando ita comparatum est, ut hominum duo sint genera: alterum eorum qui cum rationem ipsam, de qua loquimur, doctrina excoluerint, dignitatem, et honestatem omnibus in rebus anteponunt; alterum ex indoctis, et litterarum rudibus constat, qui cum nihil aliud in uita, quam quaestum, emolumentum, atque etiam uoluptatem spectent, faciendum est, ut cum litterarum dignitate moueri nequeant, earundem certe utilitate uincantur.

Quae ut planius, uberiusque a me demonstratur, sigillatim de artibus ipsis, quae litteris continentur, quid quaeque ad fructum communem afferat, dicendum est.

Atque ut ab iis quae Mathematica dicuntur, initium faciam; quis est a communi sensu tam alienus, qui ignoret, quanta sit Arithmeticae in omni uitae parte utilitas? Sentiunt hanc docti, et indocti, experiuntur quotidie quaestores, rationum praefecti, mercatores, et alii quicumque negotia gerunt.

para intercâmbio de vantagens e de deveres, não enriqueceu ela toda a humanidade com o conhecimento das artes, do direito, das leis e da moral?¹⁹ Além de tantas e de tão grandes benesses, com que dotou a vida em sociedade, ainda ensinou ela cada um a conhecer-se a si mesmo, o que era de longe o mais importante e o mais difícil!

Esta máxima, porque era considerada acima da capacidade do homem, acreditava-se que não fora emitida por nenhum ser humano, mas pelo oráculo de Apolo.

E, porque a constituição do nosso corpo não é demasiado obscura e complicada, parece, por este preceito, que nós somos advertidos a investigar principalmente a natureza e a força do espírito.

Uma vez que nesta máxima brilha com o maior esplendor a própria Filosofia, se nos apoiarmos nela como mestra, poderemos descobrir e compreender que o espírito nos foi dado pela divindade e não só adornado de muitas coisas belas como ainda dotado de razão, pela qual nos distinguimos dos restantes seres vivos.

Quando, examinando-nos a nós mesmos pouco a pouco, chegarmos à conclusão de que a razão nos foi dada no início em estado embrionário e não absolutamente perfeita, se do mesmo modo que por ela todos somos superiores às feras, também, se quisermos ainda distinguir-nos uns dos outros, teremos de nos esforçar, por todos os meios ao nosso alcance, para a elevar à sua máxima perfeição.

De facto, é tal a força natural da razão, concebida desde o início, que procura principalmente a virtude como um complemento seu. A virtude, porém, conhece-se nas acções, mas o conhecimento das coisas precede a acção. Daí resulta que as próprias artes e ciências que alimentam o conhecimento das coisas [x] são necessárias à razão para se atingir a virtude, a fim de que por elas, como que por degraus, se chegue a esta.

Sendo assim, julgo que fica suficientemente claro quão grande é a importância das artes que conferem tal e tamanha dimensão ao que no homem é fundamental e que deve completar-se sob todos os aspectos.²⁰

Mas uma vez que se observa que existem duas espécies de homens, uma que cultiva a razão através da ciência de que falámos e que prefere, em tudo, a dignidade e a honestidade e outra formada pelos incultos e ignorantes das letras que na vida prestam atenção acima de tudo ao lucro, ao interesse e ao prazer, de modo que deve procurar-se que uma vez que não podem ser influenciados pela dignidade das letras, que sejam ao menos vencidos pela utilidade das mesmas.²¹

E para que eu possa demonstrar essa utilidade, com mais clareza e amplidão, devo falar isoladamente de cada uma das artes que as letras encerram e da contribuição que trazem ao bem comum.

Começarei por abordar as que se designam por Matemáticas. Quem há tão alheio ao senso comum que ignore quão grande seja a utilidade da Aritmética, em todos os aspectos da vida? Reconhecem-na os doutos e os ignorantes, experimentam-na quotidianamente os tesoureiros, os mercadores e quaisquer outros que se ocupem de negócios.

Nec hi solum, sed omnium maxime, qui in reconditoribus artibus, et litteris uersantur. Quin etiam qui in arcanis naturae perscrutandis aetatem contriuerunt [xi] summo ingenio uiri, in rebus humanis numero nil perfectius esse censuerunt. Quem cum ceterarum artium mathematicarum fontem, et originem esse, eundem infinite progredi, uariisque modis ita augeri, ut cum ad summam multitudinem peruenerit, non solum duplicari, sed etiam supra omnem modum posse multiplicari uiderent, quibuscumque de rebus disputabant, quae in sensum non caderent, sed intelligentia tantum, et ratione comprehendi possent, earum explicationem numero exequebantur.

Omitto proportiones illas, radices, quadrata, cubos, pyramides, quibus nihil non designabant. Mitto etiam ternarii; septenarii, nouenarii, denarii praerogatiuas, et occultas uires, quibus uel naturam ipsam in rerum procreatione parere crediderunt, certe cum tantam numeri perfectionem esse uiderent, materiam, ex qua mundi animus factus esset, ad eius rationem temperatam, atque adeo animum ipsum numerum esse dixerunt.

Mundum uero ex partium inter se harmonia didicerunt musica ratione constare, quam Pythagoras rerum ab ipsa natura inuolutarum causas perscrutans ex collatione numerorum inter se, quorum proportione symphonias illa redderet, nasci comperit. Nam cum pares chordas inaequalibus ponderum momentis appendisset, easque uicissim pulsasset, quae proportionem haberent trium ad quattuor, quam nos sesquiertiam, Graeci [xij] uocant *ἐπίτριτον*, “diatessaron”, quae sesquialteram, diapente, quae duplam, diapason reddere experientia edoctus est.

Verum enimuero quanta in ueneratione Musica priscis temporibus apud Graecos fuerit, hinc intellegi potest, quod Musici tum idem qui poetae, et sapientes habiti fuerunt. In qua cum summa eruditio sita censeretur, Principes Graeciae eius peritos, et Themistoclem cum in epulis recusasset lyram indoctiorem habitum fuisse M. Cicero memoriae et litteris proditit. Quo quidem uiro aetate paulo inferior philosophiae parens Socrates et senex ipse dicitur fidibus didicisse, et ad hoc studium ingenuos adolescentes incendere cohortatione sua consueuisse.

Itaque tantum extitit in Graecia Musicae studium, ut qui liberos suos optarent, ad summam reipublicae laudem perducere, ea in primis erudiendos curarent.

Nam teneros, atque molles animos ad moderationem, constantiamque Musicae disciplina formari existimabant. Et profecto uis eius uariis in rebus magna est, quae animos tum excitat, tum remittit, morbos et animi, et corporis lenit, ac remouet, molestias abstergit, curas et labores solatio suo leuat. Psalmis, hymnis, canticis diuini numinis laus celebratur, prouidentia declaratur; rerum futurarum euentus praedicuntur. Milites tubis, tibiis,

E não somente estes, mas sobretudo os que se entregaram ao estudo das artes e das letras mais raras. Mais ainda, os homens de grande talento, que passaram a vida a perscrutar os segredos da natureza, [xi] concluíram que, no domínio do humano, nada havia de mais perfeito do que o número. Como vissem que ele era a fonte e a origem das restantes artes matemáticas, deduziram que progredia até ao infinito e que o seu aumento de vários modos era tal que, depois de atingir o expoente máximo, não só duplicava, mas podia ainda multiplicar-se para além de todo o limite. A respeito de qualquer tema, que discutiam e que não caísse no domínio dos sentidos, mas apenas pudesse ser compreendido pela inteligência e pela razão, davam a explicação através do número.

Omito essas proporções, raízes, quadrados, cubos e pirâmides com as quais tudo designavam. Ponho também de lado as propriedades e forças ocultas de um terço, um sétimo, um nono e um décimo às quais acreditaram que até a própria natureza obedecia no acto da criação das coisas. Sem dúvida que, reconhecendo como era tão grande a perfeição do número, afirmaram que a matéria de que tinha sido feito o espírito do mundo se organizara à sua feição e que até a própria alma era um número.²²

Ora, a partir da harmonia das partes entre si, entenderam que o mundo era formado de um plano musical, o qual Pitágoras, ao penetrar nas causas das coisas de sua natureza obscuras, concluiu nascer da relação dos números uns com os outros e que da proporção deles brotariam as sinfonias.²³ Com efeito, tendo pendurado cordas iguais em movimentos desiguais dos seus pesos e tocando-as uma por uma aprendeu, por experiência, aquelas que tinham a proporção de três para quatro, a que nós chamamos quatro terços e os gregos [xij] chamam epítrito “diatéssaron”, as que continham um quinto de outra, a quinta; e as que possuíam uma proporção dupla formavam o diapasão.²⁴

Assim, pode compreender-se em quanta veneração em tempos antigos a Música era tida entre os Gregos, pelo facto de os músicos, então, se identificarem com os poetas e os sábios. Nela se pensava que residia a mais consumada cultura. Marco Túlio Cícero transmitiu à posteridade através das letras que os Príncipes da Grécia eram peritos em Música e que Temístocles fora considerado inculto por num banquete ter recusado tocar lira.²⁵ E ainda que Sócrates, pai da Filosofia, sendo um pouco mais novo do que ele, mas já idoso, aprendera a tocar lira e mais ainda que, com a sua exortação, costumava entusiasmar os jovens nobres ao estudo da Música.²⁶

E na Grécia a cultura da Música desenvolveu-se tanto que aqueles que desejavam que os filhos atingissem os mais honrosos cargos, na República, procuravam formá-los antes de mais na Música.

Pensavam que os espíritos débeis e fracos se moldavam no equilíbrio e na persistência com a prática da Música. E, na realidade, a sua força é grande em vários aspectos: ela ora excita, ora acalma, suaviza e afasta as doenças do corpo e do espírito, dissipa as inquietações, mitiga os desgostos, dulcifica com o seu conforto as preocupações e os trabalhos.²⁷ Celebra-se o louvor da majestade divina com salmos, hinos e cânticos; demonstra-se a providência e proclamam-se acontecimentos futuros.

cornibus incensi nulla discriminis habita ratione in proelia ruunt; remiges celeusmate admoniti [xii] remos agunt, uel sustinent; phreneticorum mentes morbo turbatae symphonia ad sanitatem reuocantur.

Alexandrum Macedoniae regem memoriae traditum est, cum apud eum Timotheus ille musicus praestantissimus legem eam musicae incineret, quae argumentum bellicum continebat, tanto impetu concitatum, ut cum exclamasset regia cantica talia esse oportere, ad arma repente concurrerit. Et tanto ante Pythagoram accensos psaltriae modis iuuenes, cum eam modos in spondeum mutare iussisset, a ui, quam pudicae domui inferre parabant, cohibuisse.

Quod autem multo maius est, quis est qui si forte ipse non legit, de aliis tamen non audierit aliquando, quod extat sacris litteris perscriptum, Saulem Hebraeorum Regem, cum furiis agitaretur, citharae pulsu a Dauide mitigari, ac recreari sic fuisse solitum, ut modorum suauitate delinitus ad pristinum mentis statum quam primum reuerteretur?

Aristoteles peripateticae philosophiae princeps cum reipublicae bene constitutae plurimum interesse uideret, ut adolescentes recte instituerentur, Musicam ex earum artium numero esse demonstrauit, quae essent adolescentibus discendae, propterea quod et animum possit recte componere, et ad uitae degendae rationem non parum ueleat, dum ad animorum rerum actione defatigantium relaxationem, et quietem [xiii] tanquam medicina adhibetur.

Est igitur Musica in uariis uocum, instrumentorumque cantibus, ac modis posita, quorum tanta uis est in utramque partem, ut qualescunque ii fuerint, uel seueri, graues, decori, uel contra leues, molles, indecori, tales habitus animis, in quoscunque fuerint illapsi, excitare soleant.

Quapropter uir sapientissimus Plato interesse reipublicae non parum censebat, antiquae musicae seueritatem conseruare, cuius leges, cum ex earum labe maximam morum corruptelam secuturam uideret, non sine immutatione legum publicarum mutari posse, arbitrabatur. Quod utinam haud tam uere praedixisset, quam hoc saeculum testatur, quo uidemus, quanta in omnibus fere populis cum priscae, et seuerae musicae in mollem, et effeminatam innouatione accesserit morum, animorumque deprauatio.

Sed institutum persequamur.

Geometria deinceps, quae constat lineamentis, formis, interuallis, magnitudinibus, an non ad usum uitae communis est necessaria? Haec domibus bene, et ratione aedificandis lineas suas, figuras, dimensiones accommodat, metiendis latifundiis, agris diuidendis, ac definiendis regulam, ponderibus examinandis trutinam, mensuris certum quemdam modum adhibet, et quod unum ad hominum inter se societatem tuendam est

Os militares avançam para os combates, entusiasmados pelas trombetas, flautas e cornetas, sem atender a nenhuma linha de demarcação; e os remadores, levados pelo canto cadenciado, [xiiij] manejam ou retêm os remos; e os espíritos das pessoas nervosas, perturbados pela doença, recuperam a saúde com a harmonia da Música.

Conta-se que Alexandre, rei da Macedónia, estando junto de Timóteo, músico notabilíssimo, que tocava um trecho musical, interpretando um tema bélico, excitado por tão grande entusiasmo, de imediato correu para as armas, exclamando que deviam ser assim os cânticos bélicos.²⁸ E que já antes Pitágoras conteve jovens exaltados pelos ritmos ardentes de uma tocadora de cítara, quando eles se preparavam para a levar à força para uma casa não pública, ordenando-lhes que alterassem o ritmo da melodia para espondeu.²⁹

E ainda algo muito mais importante do que isto, quem há que se por acaso pessoalmente não leu, pelo menos não ouviu dizer, o que está escrito na Sagrada Escritura, a saber: que Saul, rei dos Hebreus, quando era perturbado por fúrias, costumava de tal modo acalmar-se e recompor-se com o toque de cítara tangida por David que, tranquilo com a suavidade da Música, logo voltava ao estado primitivo.³⁰

Aristóteles, príncipe da filosofia peripatética, porque entendia que era da maior importância para uma boa organização da República que os jovens fossem devidamente preparados, demonstrou que a Música estava entre o número daquelas artes que os adolescentes deviam aprender, uma vez que não só pode formar correctamente o espírito como ainda empresta saúde à forma de usufruir a vida, quando se utiliza como um medicamento para repouso e tranquilidade dos espíritos fatigados [xiiiij] pela agitação dos negócios.³¹

A Música está distribuída em vários cantos e melodias de vozes e de instrumentos, com uma influência tão grande em ambos os aspectos que seja qual for a natureza dos sons: agudos, graves, agradáveis ou, pelo contrário, ligeiros, moles, desagradáveis, costumam criar hábitos em todos os espíritos em que se instalam.

Por isso, Platão, homem sapientíssimo, pensava que interessava não pouco à República conservar a austeridade da Música antiga; estava convencido de que as suas leis não podiam alterar-se, a não ser que também houvesse uma modificação na legislação pública, pois via que uma grande corrupção dos costumes havia de ter lugar, após a sua ruína. E oxalá não tivesse sido tão bom profeta como este século o confirma, pois, verificamos quão grande é a depravação dos espíritos, que ocorreu em quase todos os povos, com a substituição da Música antiga e austera pela mole e efeminada!³²

Mas continuemos o assunto que nos propusemos tratar.

Segue-se a Geometria que consta de linhas, figuras, espaços e grandezas. Acaso o seu emprego não é necessário em toda a vida prática? Esta aplica devidamente as formas e as dimensões para a boa e racional construção das casas; aplica a régua para medir latifúndios, para dividir e delimitar os campos; a balança para verificar os pesos; e às medidas fixa um limite exacto. E, o que é importantíssimo para proteger

potissimum, ut suum quisque habeat, aequabiles proportionibus suis distributiones subministra.

In re militari [xv] magnus et olim fuit, et nunc etiam est machinarum bellicarum usus. Ad urbes tum oppugnandas, tum propugnandas ducuntur muri, et fossae, aggeres, ualla, castella, propugnacula, cuniculi communiuntur, ad flumina traicienda pontes, rates, scaphae, naues, ad explorandam locorum distantiam, altitudinem, summitatem uaria instrumenta fiunt, quorum omnium rationem quis neget a Geometria fuisse desumptam?

Hanc in Aegypto inuentam ad se transtulerunt Graeci, apud quos tanto in honore fuit, ut qui ea excultus non esset, philosophiae mysteriis indignus haberetur. Et uero in Platonis Academia homines huius doctrinae ignari aditu sedulo prohibebantur, cuius fores hac inscriptione ferunt notatas fuisse, *ἀγεωμέτρητος οὐδείς εἰσίτω*, qua tanquam lege cautum erat, ne quis geometriae imperitus eo ingrederetur.

Ei insuper diuinam quandam uim adsignauerunt summi ingenio, et doctrina uiri, quod a rebus corporeis animum abducens menti a sensus contagione purgatae sempiternarum rerum, et tantum sub intelligentiam cadentium imagines figuris suis tanquam speculo repraesentet.

Neque enim Physici quae de mundi satu, et uniuersae rerum naturae principiis, causis, effectis disseruerunt, non dico ea aliis tradere, sed animo quidem, et cogitatione complecti, neque Geographi orbem, partesque eius metiri, et descriptionibus spectantium oculis subiicere, atque quasi in rem praesentem [xvi] eos perducere unquam potuissent, sine Geometriae scientia atque instrumento.

Cuius quidem figurae, et proportiones ad motum, cursumque astrorum adhibitae Astrologiam peperunt, quae est caeli, siderumque motionis et conuersionis, accesus et recessus, ortus et occasus scientia diuturna obseruatione comparata. Cuius periti nisi horarum, mensium, anni constitutione tempora dispensassent, qui eorum beneficio hodierno die in clara rerum omnium luce uersamur, in summa tum praeteritarum ignoratione, tum praesentium confusione essemus.

Quocirca ut praetermittam animi uoluptatem, quae tanta est in harum rerum inuestigatione, obseruatione, intelligentia, quantam puto ex alia ulla re percipi posse, quis dubitat, quin in magnarum rerum administratione magno usui haec cognitio esse possit?

Memoriae proditum est Periclem Athenis cum ciues suos solis defectione usque adeo perterritos uideret, ut hoc portento caelitus sibi interitum, exitiumque urbi denuntiari arbitrarentur, contionem habuisse. In qua cum de solis, et lunae cursu sapienter disseruisset, conturbatos inani metu

a vida dos homens em sociedade, fornece-lhes divisões justas nas suas proporções para que cada um tenha o que lhe pertence.³³

Outrora, foi muito importante [xv] o uso da Geometria em assuntos militares e ainda hoje o é nas máquinas de guerra. Ora para atacar, ora para defender as cidades, constroem-se muralhas e fossos, terraplenos, trincheiras, fortalezas, fortificações e galerias subterrâneas; para atravessar os rios, edificam-se pontes, jangadas, barcos e navios. Fazem-se instrumentos variados para avaliar a distância dos lugares, a profundidade e o ponto culminante; e quem negará que o cálculo para todos estes utensílios foi fornecido pela Geometria?³⁴

Inventada no Egipto, os Gregos importaram-na e tiveram-na em tanto apreço que, quem não fosse muito versado nela, era considerado indigno da iniciação nos mistérios da Filosofia. E na Academia de Platão, os homens ignorantes daquela ciência eram rigorosamente proibidos de entrar. Conta-se que as suas portas foram marcadas com esta inscrição: *ἀγεωμέτρητος οὐδεὶς εἰσίτω*; assim como que por uma espécie de lei tomavam-se precauções para que ninguém ignorante em Geometria lá entrasse.³⁵

Demais, homens de grande talento atribuíram-lhe um certo poder divino uma vez que, afastando o espírito das coisas corpóreas, apresentava à mente, purificada do contágio dos sentidos, imagens das coisas eternas que somente incidiam diante da inteligência em figuras suas como que num espelho.³⁶

Sem a ciência e os instrumentos da Geometria, nem os Físicos teriam a possibilidade, já não digo de transmitir aos outros conhecimentos, mas nem sequer de atingir, pelo espírito e pela reflexão, aquilo que acabaria por ser objecto das suas dissertações acerca do estado do mundo e dos princípios, causas e efeitos da natureza universal das coisas; e nem tão pouco os Geógrafos teriam podido medir o universo e as suas partes, nem apresentá-lo em cartas geográficas [xvi] aos olhos dos observadores, colocando-os como que na presença do universo!

O emprego de figuras e proporções geométricas, aplicadas ao movimento e ao curso dos astros, fez nascer a Astrologia que é uma ciência feita da longa observação do céu, das estrelas, do movimento, mutação, chegada e retirada, nascimento e ocaso dos astros. Se os peritos em Astrologia não tivessem dividido o tempo na constituição de horas, meses e ano, nós hoje que, graças ao mérito desses homens, vivemos na luz clara de todas as coisas, estaríamos não só na maior ignorância do passado, como ainda na confusão do presente.³⁷

Por conseguinte, para pôr de lado o prazer espiritual que tão intensamente se experimenta na investigação, na observação e na compreensão destas coisas, como julgo que em nenhuma outra realidade se pode colher, quem há que duvide que na administração dos grandes negócios o conhecimento daquela ciência possa ser muito útil?

Conta-se que Péricles, vendo em Atenas os seus cidadãos tão aterrados por causa de um eclipse do sol, que pensavam que por este prodígio celeste lhes era anunciada a morte e à cidade o fim, falou à multidão. E, porque dissertou sabiamente a respeito do curso do sol e da lua, afastou do medo insensato os que estavam perturbados.³⁸

liberauit. C. item Sulpicius Gallus cum tribunus militum in exercitu Pauli Aemillii consulis esset, pridie quam committeretur proelium, in quo Perseu uictus, ex indeque in Samothracia captus fuit, quo ille rebus suis magna clade occisis desperans confugerat, productus [xviij] in contionem a Consule, quem nocte proxima lunae defectum fore praeuidebat, militibus praedixit. Quibus cum probasset ordine naturali id fieri solere, ne hoc ueluti prodigio eorum animi a dimicatione deterrerentur, effecit.

Iam uero in re nautica, quae sine huius praesidio in tanta maris uastitate, fluctuum iactatione, procellarum saeuitia, denique in tam infinita huiusce elementi barbarie securitas esse posset?

Sine quo quis unquam tot tantisque periculis se committere ausus fuisset, quanta, Viri Lusitani, maiores uestri in terrarum occultarum, ac Geographis ipsis olim ignotarum lustratione antea subierunt, nobisque ipsis pariter in eadem peruestigationem incumbentibus hodie sunt subeunda? Aut quotusquisque gubernator in nauigando cursum suum ad astra non dirigit, quibus ducibus quo statuit, se peruenturum confidat?

Chaldaei porro astrorum scientia artem effecerunt, qua quo quisque fato natus, quid cuique euenturum sit, ex natali die notari, praedicique posse putaretur. Eadem fretus sphaeram Archimedes fecisse dicitur, in qua solis et lunae, et aliarum quinque errantium stellarum motus, et conuersiones eodem modo, quo in caelo, singulis diebus, ac noctibus fierent. Quae omnia quam sint iucunda, quam admirabilia, quam utilia, ac plane in usu necessaria uidetis.

Veniamus iam ad eas artes, quae in perficiendo sermone [xviij] uersantur, in quibus Grammatica, quae est litterarum scientia, prima numeratur. Cuius quidem professio multo maior est, quam uulgus intelligat. Nam praeter pure, et emendate loquendi scientiam, auctorum quoque enarrationem complectitur.

Eius ratio ut in loquendo est necessaria, ita percipiendis, interpretandisque aliorum dictis, sensibusque opportuna. Etenim uerba propria, et apta nobis administrat, quibus animi sensa explicemus, et ne perturbata, discrepans, aut praepostera exeat oratio, docet sic ea coniungere, ut casibus, temporibus, personis, genere, et numero consentiant.

Ad eruendos praeterea sensus auctorum abstrusos, et reconditos copiosum quoddam instrumentum uaria rerum supellectile paratum adhibet, et quae tenuis, et exigua a primo uidetur, talem ad extremum se profert, ut quae in illustrioribus artibus sunt praeclarissima, nisi firmis huius fundamentis nitantur, consistere omnino nequeant.

Est enim omni loco, omnique tempore ita nobis necessaria, ut siue quid legamus, siue scribamus, siue cum aliis loquamur, siue ipsi nobiscum

Também C. Sulpício Galo, que era tribuno militar no exército do cônsul Paulo Emílio, na véspera de travar o combate em que Perseu³⁹ foi vencido e, depois, capturado em Samotrácia, para onde fugira desesperado, ao ver-se perdido na situação de uma grande derrota, foi apresentado [xvij] à multidão pelo cônsul e anunciou aos soldados um eclipse da lua que, segundo as suas previsões, se iria dar na próxima noite. E, porque demonstrou que tal costumava acontecer por causas naturais, fez com que os soldados não perdessem o ânimo e a vontade de combater perante aquele fenómeno.⁴⁰

E então na navegação, sem o auxílio da Astronomia, que segurança poderia haver no seio de tal vastidão do mar, na agitação das ondas e na crueldade das tempestades, em suma, no meio de tão infinita braveza desse elemento?

Sem ela, quem alguma vez ousaria expor-se a tantos perigos quantos os Varões Lusitanos, os vossos antepassados, enfrentaram na descoberta de terras desconhecidas e até então ignoradas pelos próprios Geógrafos? Afinal, os mesmos perigos que ainda hoje nós temos de suportar, entregues a idênticas explorações! Ou que capitão há que, ao navegar, não oriente a sua rota pelos astros e com estes guias não confie chegar à rota traçada?⁴¹

Além disso, os Caldeus do estudo dos astros fizeram uma ciência através da qual se pensava poder observar e predizer, a partir da data do nascimento, com que signo cada pessoa nasceu e o que havia de acontecer a cada um.⁴²

Diz-se que Arquimedes, baseado nessa mesma ciência, construiu uma esfera, na qual se operavam, do mesmo modo que no firmamento, todos os dias e todas as noites, os movimentos e mutações do sol, da lua e dos outros cinco astros errantes.⁴³

Vedes como são consoladoras, como são admiráveis, como são úteis e absolutamente necessárias na vida prática todas estas coisas!

Abordemos já aquelas disciplinas que se ocupam do aperfeiçoamento [xviij] da linguagem. Entre elas, figura, em primeiro lugar, a Gramática, que é a ciência das letras. O seu emprego é muito maior do que vulgarmente se crê. Assim, além de uma ciência de ensinar a falar com pureza e correcção, abrange ainda o comentário dos autores.

O seu estudo é tão necessário na linguagem como oportuno na compreensão e interpretação do discurso e dos sentimentos dos outros. Pois, fornece-nos os vocábulos precisos e adequados para expressarmos os nossos pensamentos e, para que o nosso discurso não saia desordenado, confuso, e às avessas, ensina a conjugar as palavras de modo a concordarem em caso, tempo, pessoa, género e número.⁴⁴

Ainda, para descobrir os pensamentos complexos e profundos dos autores, acrescenta uma abundância de processos feita com materiais diversos; e a Gramática, que de início parece insignificante e exígua, apresenta-se, por fim, tão importante que o que de mais notável existe nas artes mais nobres não pode de forma alguma manter-se, se não se apoiar nos seus sólidos fundamentos.

De facto, a Gramática é para nós tão necessária em todo o lugar e em todo o tempo que de forma alguma nos podemos privar dela, quer estejamos a ler, a escrever, ou

cogitemus, nullo modo ea carere possimus. Quae profecto cum ceteris artibus ita est coniuncta, ut quo modo haec ab illis, aut illae ab hac seiungi queant, ne intelligi quidem possit.

Dialectica proxime sequitur Grammaticam, a qua cum sermonem rectum, et nudum [xix] acceperit, primum dispicit simplicia uerba ad quod genus sint referenda. Deinde coniuكتورorum uim, naturamque considerat, quid *ὑποκείμενον* sit, quid *κατηγορούμενον* (quod utrumque dialecticorum uulgis subiectum, et praedicatum nominat) quid enuntiatio quot eius genera.

Tum regulam adhibet, qua uerum, falsum ne sit, quod enuntiatur, et quid e quoque efficiatur, quid cuique consequens, quid contrarium sit, iudicetur.

Cumque multa sint natura ambigua, atque confusa, ut quaeque plane, explicataeque dicantur, haec ars docet uniuersam rem in suas partes distribuere, ambiguam distinguere, latentis, et inuolutae uim definitione proferre, atque euoluere.

Cuius cum duae sint partes, una iudicii, de qua iam diximus, altera inuentionis, quae uiam, rationemque monstrat promendi ex locis, in quibus inclusa sunt argumenta, mirum est quantam in quaque disputatione facultatem, copiamque afferat tum ad disserendum, tum ad iudicandum. Ex quibus quanta sit huius doctrinae utilitas, satis apparet.

Dignitatem uero hoc uno metiri possumus, quod ceterae omnes artes huius artificio sunt constitutae. Nam quae artibus sunt nunc comprehensa, certum est dispersa, et dissoluta fuisse, priusquam haec ars, quae in artem illa redigeret, adhiberetur.

Huic finitima est Rhetorica, quarum tanta est cognatio, ut cum pleraque [xx] omnia habeant inter se communia, quid interea intersit aptius designari nequeat, quam qua hac in re manus similitudine Zeno usus traditur. Cum Dialecticam pugno, Rhetoricam palmae similem diceret. Est enim utriusque eadem materia, sed illa disserendi ratio angustior, haec dicendi latior est, atque ornatior, et cum populariter loquatur, animis mouendis, uulgi que sensibus magis accommodata.

Neque uero putandum est, id frustra natura esse comparatum. Nam secundum mentem diuinitus acceptam linguae, et sermonis uim maxime propriam habemus, qua a mutis pecudibus discreti excellentis naturae dignitatem multo melius, quam corporis, orisque figura, et specie exprimimus. Quam quidem a natura nobis iccirco esse tributam re ipsa intelligitur, ut sermonis usu inter nos communicando quantum quisque ingenio, et prudentia ualeret, alii alios docendo, monendo, hortando, mutuis officiis generis humani communitatem, ad quam nati sumus, societatem coleremus.

Quamobrem cum in obeundis muneribus, quae ad hanc uitae coniunctionem pertinerent, necessaria saepe numero esset uis quaedam maior

a conversar com os outros ou mesmo a reflectir connosco. Ela está tão em sintonia com as outras artes que de modo algum pode ser separada delas, ou vice-versa.⁴⁵

A Dialéctica segue de forma muito próxima a Gramática. Dela tendo recebido a linguagem correcta e descarnada, [xix] primeiro examina as palavras simples e o género a que se referem; depois considera o valor e a natureza dos elementos das proposições, aquele que seja o *ὑποκείμενον* e o *κατηγορούμενον* (que os estudos de dialéctica designam vulgarmente por sujeito e predicado), bem como o que constitui uma proposição e quantas espécies há.

Emprega ainda regras pelas quais seja possível distinguir se um enunciado é verdadeiro ou falso e o que dele resulta, avaliando qual seja o conseqüente e o seu contrário.⁴⁶

E, uma vez que muitas coisas são ambíguas e confusas por natureza, para que cada uma delas seja dita de forma exacta e clara, esta arte ensina a dividir o todo nas suas partes, a distinguir o que é incerto e a dizer e a explicar através de definições o significado do que está oculto e obscuro.⁴⁷

Como a Dialéctica é formada de duas partes, uma a do juízo de que já falámos, a outra a da invenção que mostra a via e o método de tirar argumentos de onde eles se encontram, é admirável quantas possibilidades e recursos traz, em qualquer discussão, tanto para dissertar como para emitir juízos de valor. Em face disto, é bem evidente a utilidade desta ciência.

Podemos, porém, avaliar a sua excelência pelo simples facto de todas as restantes artes serem construídas a partir dos conhecimentos técnicos da Dialéctica. Assim, é sabido que elementos, agora inseridos nas artes, estiveram dispersos e desligados antes dela os tornar uma arte.⁴⁸

Com ela confina a Retórica, cujo parentesco é tão grande que possuem [xx] a maior parte das matérias em comum. E não pode afirmar-se em que divergem de forma mais expressiva do que com a semelhança da mão de que dizem ter-se servido Zenão, uma vez que costumava dizer que a Dialéctica era semelhante ao punho e a Retórica à palma da mão. Ambas são formadas da mesma matéria, mas naquela a forma de dissertar é mais sóbria e nesta é mais ampla e embelezada. E, porque é possível falar de harmonia com a linguagem popular, é mais apropriada para comover a alma e para exprimir os sentimentos do vulgo.⁴⁹

E não se pense que isso foi estabelecido inutilmente pela natureza. Pois, segundo a inteligência recebida como um dom de Deus, temos o privilégio, que nos é muito peculiar, da língua e da conversação, pela qual, distintos dos mudos animais, expressamos muito melhor a dignidade da excelência da nossa natureza do que pela figura e aspecto do corpo e do rosto. Certamente se compreende que, por essa razão, a linguagem nos foi dada pela natureza para que comunicando entre nós pelo uso da palavra, segundo as possibilidades do talento e da sabedoria de cada indivíduo, uns ensinando os outros, aconselhando e exortando a que cultivemos, de mútuas formas, o convívio humano e a sociedade para que nascemos.

Por isso, uma vez que no cumprimento dos deveres que dizem respeito à vida em sociedade, seria necessário muitas vezes uma força maior do discurso que não fosse

orationis, quae non solum quid fieri par esse docere, sed audientium mentes ad id capessendum impellere posset, excitata est uberior illa, et uehementior mentis interpret oratio sapientum uirorum ingenio, et industria; qua cogitationes [xxi] nostras non solum diserte et prudenter explicare, sed etiam quemcunque animorum motum res ipsa postularet, uel excitare, uel sedare dicendo possemus.

Quae facultas arte subnix usuque, et exercitatione confirmata Eloquentiam parit, ac procreat, quae quoniam rerum scientiam cum uirtute complexam tenet, nihil aliud esse definita est, quam copiose loquens sapientia. Qua una quid ad splendorem, et gloriam illustrius, aut ad laudem admirabilius, aut omnino ad opes, ad gratiam, ad dignitatem praestantius, non esse tantum, sed dici, aut etiam cogitari potest?

Haec pacem, amicitiamque inter populos conciliat, haec ciuitates, regna, imperia consiliis instruit, haec leges reipublicae salutare rogat, iudicia tuetur, oppressos periculis subleuat, nocentem fraudes, et scelera detegit, ac poenis ulciscitur. Haec denique ad animos commouendos tantam in omnem partem uim habet, ut nulla sit tam obstinata sententia quae expugnari, nulla tam excitata iracundia, quae sedari, nihil denique tam persuasum, atque animo infixum, quod moueri, euellique eius uiribus non possit.

Quibus instructus uir bonus, qualem esse oratorem oportere intelligimus, quantam opem non singulis solum, sed uniuersae reipublicae affere possit, ut alios praetermittam, quos eloquentiae laude in ciuitatibus suis floruisse legimus, exemplo sunt duo illi oratores omnium, quos unquam natura procreauit, praestantissimi Demosthenes, et Cicero.

[xxij] Quorum ille non solum pro ciuitate sua multa alia praeclare gessit, sed etiam ut et historiae, et diuina eius scripta declarant, pro totius Graeciae libertate Philippo Macedoniae regi cunctis opibus Graeciam inuadenti sese opposuit, aduersus quem tanta contentione dimicauit, ut populus Atheniensis, quem is ad defensionem communis libertatis suscipiendam hortatu suo impulerat, tot copiis, tanto imperio, tanta prudentia et gloria longo tempore, et rerum gestarum magnitudine comparata, non fortius, quam hic unus mentis, ac linguae uiribus potentissimo hosti restiterit.

Quid uero M. Tullius? Quisquam ne in ulla ciuitate unquam maiore eloquentia, animo, contentione, quam hic in Romana republica orbis terrarum principe, publicae libertatis, legum iudiciorum causam sustinuit? Quis fortius contra sceleratos ciues, et pestem patriae nefarie molientes pugnauit? Quis constantius sceleri et audaciae restitit? Quis acrius tyrannidem repulit?

Hic eloquentia, consilio, fide armatus Verris libidinem, auaritiam, crudelitatem ultus est. Hic Catilinae coniurationem oppressit, et arma contra patriam suscepta e perditissimorum ciuium manibus extorsit. Hic turbulentos,

só igual a ensinar o que devia fazer-se, mas também que pudesse impelir o espírito dos ouvintes a executar isso mesmo. Criou-se, então, graças ao talento e à arte de homens esclarecidos, um discurso mais elaborado e veemente na interpretação do pensamento; e, por seu intermédio, [xxi] pode-se não só explicar, com elegância e sensatez, o que nos vai na alma, mas também excitar ou acalmar todas as mutações do nosso espírito de acordo com o que as circunstâncias exigem.

Esta capacidade, apoiada na arte e no uso, e confirmada pelo exercício, origina e cria a Eloquência que pela razão de possuir o conhecimento das coisas de braço dado com a virtude, foi reconhecida simplesmente como sendo a sabedoria eloquente. O que pode não só existir mas também dizer-se, ou até imaginar-se, de mais notável para o esplendor e para a glória, ou de mais admirável para a honra, ou de mais excelente para a influência, reconhecimento e dignidade do que esta ciência?⁵⁰

É ela que fomenta a paz e a amizade entre os povos, é ela que com os seus conselhos instrui as cidades, os reinos e os impérios, é ela que promulga leis eficazes para o Estado, resolve as contendas, afasta os oprimidos dos perigos, descobre e castiga com penas as fraudes e os crimes dos malfeitores.⁵¹ Em suma, ela tem tanta força, em qualquer circunstância, para impressionar os ânimos que não existe opinião, por mais obstinada, que não seja vencida; não há nenhuma cólera tão violenta que não seja apaziguada; por último, nada existe tão persuasivo e arreigado ao espírito que não possa ser removido e desenraizado pelos tentáculos da Eloquência.⁵²

Demóstenes e Cícero, que foram, entre todos, os dois oradores mais ilustres que a natureza jamais alguma vez criou, para não lembrar outros que, segundo lemos, brilharam nas suas cidades pelo fulgor da sua Eloquência, servem para demonstrar o enorme contributo que um homem de bem, como em nosso entender deve ser o orador, pode prestar não só ao indivíduo em particular como a todo o Estado.

[xxij] Aquele vulto notável não só realizou em prol da sua cidade muitos feitos nobres, como ainda, segundo consta de factos históricos e dos seus escritos divinos, se opôs, em prol da liberdade de toda a Grécia, ao rei Filipe da Macedónia que invadira o país com imensos recursos militares. Contra ele lutou com tal determinação que o povo ateniense, que ele entusiasmara com a sua exortação a tomar a defesa da liberdade comum, apesar de possuir muitas tropas, poder, sabedoria e glória de longos anos, alcançada com a grandeza de acções memoráveis, não resistiu ao inimigo poderosíssimo mais fortemente do que ele, sozinho, com os recursos da sua inteligência e oratória.⁵³

E que dizer de Marco Túlio? Porventura alguém em alguma cidade, com mais eloquência, coragem e determinação do que ele, na República romana, cabeça do mundo, sustentou a causa da liberdade, das leis e do fórum? Quem com mais veemência do que ele lutou contra cidadãos criminosos que maquinavam, impiamente, a ruína da pátria? Quem com mais perseverança lutou contra o crime e o atrevimento? Quem com mais veemência repeliu a tirania?

Foi ele que, armado com a sua eloquência, determinação e lealdade, puniu o desregramento, a ambição e a crueldade de Verres.⁵⁴ Foi ele quem surpreendeu

et furiosos P. Clodii conatus refutauit. Idem M. Antonium rempublicam armis obsessam tenentem, et gladiatorum terrore iam ad se omnia trahentem, hostem iudicauit, urbeque expulit. [xxiij] Cum cuius salute ita reipublicae salus erat coniuncta, ut non prius tyrannorum importunitate opprimi ac potuerit, quam eadem ui diuina haec uox intercepta, sublataque fuisset.

Sed iam ad Iurisprudentiam, quae eloquentiae proxima est, accedamus, quam diuinarum atque humanarum rerum scientiam, aequi et iniqui notitiam prudentes uiri esse dixerunt. Iustitia siquidem, a qua ius ipsum dicitur, religionem erga Deum, societatemque hominum inter se, ac communionem complectitur.

Ad religionem pertinet diuinarum rerum scientia, quae sacrae scripturae libris continetur, qui maiestatem Dei, gloriam, beneuolentiamque erga genus humanum declarant, uerum ac pium cultum docent Sanctum Iesu Christi Euangelium, in quo uno nostra omnis iustitia, et salus est posita, ceteraque fidei nostrae sacramenta tanquam depositum quoddam fidelissime seruant.

Ad communem uero societatem spectat aequi, et iniqui notitia, in qua omnis iuris humani ratio uersatur, cuius praecepta eadem sunt, quae iustitiae officia: honeste uiuere, nemini iniuriam facere, suum cuique ius tribuere, quibus ad conuentionem, salutemque hominum tuendam quid potest omnino esse praestantius?

Nec uero Medicina in hac artium doctrinarumque enumeratione est praetermittenda, quae in corporis nostri, et omnium fere rerum naturam intrat, morbos, eorumque causas dignoscit, [xxiiij] remedia adhibet, sanitatem tuetur.

Quae quidem cum ita sint omnia, iam satis intelligi potest, Auditores, quanta sit harum artium tum dignitas, tum utilitas.

Quarum si singula ornamenta persequi uellem, dies profecto me deficeret. Addam igitur hoc solum, cum duae sint omnino res, quae homines ad amplissimum dignitatis, et fortunae gradum euehere possunt, una rei militaris scientia, altera artium, et doctrinarum cognitio, quanquam utraque ad conseruandum ciuitatum, regnorumque statum est necessaria, tamen quo iustitia, et pax, quamuis, et bellum naturae est conuenientior, eo humanitatis, ac mansuetiorum musarum disciplina, armorum Martisque ferocitati magis est anteponenda.

Occurrit hoc loco quorundam opinio, qui iuuenum animos effeminari, timidos, minusque ad res bellicas idoneos fieri litterarum studio existimant, quam pluribus uerbis confutarem, nisi cum per se satis esset infirma, tum Graecorum, atque Romanorum, qui orbem terrarum armis subegerunt, exemplo conuulsa iaceret; apud quos quicumque extiterunt belli gloria duces maximi, idem litterarum peritissimi fuere.

a conjuração de Catilina e arrancou das mãos dos cidadãos depravados as armas brandidas contra a pátria.⁵⁵ Foi ele que repeliu as tentativas turbulentas e loucas de Clódio.⁵⁶ Foi ele ainda quem considerou como inimigo Marco António, que tinha a nação sitiada pelas armas e já pelo terror das espadas tudo levava diante de si; e expulsou-o de Roma.⁵⁷ [xxiij] A salvação da República estava tão ligada a Cícero, que não podia ser esmagada pela crueldade dos tiranos, sem que a sua voz prodigiosa fosse primeiro interceptada e suprimida por essa mesma violência.⁵⁸

Mas passemos já para a Jurisprudência, que apresenta afinidades com a Eloquência, a seu respeito, homens sábios disseram que era a ciência das coisas divinas e humanas e o conhecimento do que era justo e injusto. Assim, a justiça da qual deriva o direito compreende a religiosidade para com Deus e as relações de comunhão e de convívio entre os homens.⁵⁹

Pertence à religião o conhecimento das coisas divinas, que está contido nos livros da Sagrada Escritura. Eles proclamam a majestade e a glória de Deus em relação ao género humano; ensinam o culto verdadeiro e pio; guardam, fidelissimamente, como um penhor, o Santo Evangelho de Jesus Cristo, onde somente está depositada toda a nossa santidade e salvação e ainda os restantes sacramentos da nossa Fé.⁶⁰

Diz respeito à comunidade o conhecimento do que é justo e injusto e nele se baseia toda a noção do direito humano; os seus princípios são os mesmos que os deveres da justiça, a saber: viver honradamente, não injuriar ninguém, dar a cada um o que é seu. E o que pode existir de maior excelência do que estes preceitos para salvaguardar a união e a salvação dos homens?

Também a Medicina não deve ser esquecida nesta enumeração das artes e das ciências; ela, que perscruta a natureza do nosso corpo e de quase todas as coisas, faz o diagnóstico das doenças e das suas causas, [xxiiij] receita medicamentos e vela pela saúde.⁶¹

E uma vez que as coisas são assim, já pode compreender-se de forma categórica, Senhores Ouvintes, como é grande a dignidade e a utilidade destas artes.

Se eu quisesse enaltecer um por um todos os seus predicados, um só dia não me bastaria. Portanto, acrescentarei somente isto: como apenas há duas coisas que podem elevar os homens até ao mais alto grau da honra e da fortuna, uma, a ciência militar, a outra, o conhecimento das artes e das ciências e, embora ambas sejam necessárias para salvaguardar o estatuto dos cidadãos e dos reinos, todavia deve preferir-se o estudo das humanidades e da poesia delicada à ferocidade das armas e de Marte, na medida em que a justiça e a paz e, tanto quanto se quiser também a guerra, são mais convenientes à natureza humana.⁶²

Vem a propósito lembrar a opinião daqueles que pensam que, pelo estudo das letras, os espíritos dos jovens ficam efeminados, tímidos e menos aptos para a guerra. Refutaria esta opinião com inúmeros argumentos, se ela não fosse já por si tão débil e não caísse ainda por terra com o exemplo dos Gregos e dos Romanos que, pelas armas, conquistaram o universo. E, entre eles, os maiores generais, na glória da guerra, foram ao mesmo tempo os mais versados nas letras.⁶³

Quoniam igitur rerum, quae artibus sunt comprehensae, etiam ut uirtutum incohatae tantum intelligentiae a natura in animis nostris imprimuntur, ut ad perfectam earum cognitionem perduceremur, artes primum experientia inuentae, deinde litteris mandatae, [xxv] quae tanto temporum interuallo in tam uaria rerum commutatione aliter fuerant interiturae, ad nos peruenerunt.

Itaque litterae, quae obliuioni subsidio essent, posteritatis gratia sunt repertae, quarum lumen nisi accessisset, non solum tam praeclarum, ac necessarium artium inuentum, sed etiam pietatis, et uerae de Dei numine opinionis cognitio, rerum praeteritarum memoria, omnis denique uitae humanae cultus in tenebris iaceret.

Nam in religione ipsa nisi sanctissimis sacrarum litterarum monumentis ueritatem comprehensam teneremus, etsi mentem Dei opinione a natura imbutam habemus, tamen qualis ille sit, quo cultu, qua ueneratione colendus, nesciremus. Vt enim praetermittamus a nobis lecta, et audita de impii deorum cultus superstitione, quae luce ueritatis euangelicae nondum detecta ac patefacta, per orbem fusa omnium fere animos olim caligine sua oppresserat, declaratur id satis aperte gentium earum exemplo, quibus tam caeleste donum diuina largitate nondum impertitum est.

Quae, dum quaeque sibi deos pro arbitrio fingit, quanto in errore uersentur, testantur ii, quibus tum in Indiam, tum in alias orbis terrarum remotissimas oras nauigantibus hoc ipsum uidere contigit. Quorum uoces eo usque percebuerunt, ut nullus iam sit in toto orbe Christiano angulus, qui [xxvi] mirabilibus istarum superstitionum narrationibus non personet.

Rerum insuper antiquarum ueritas quam sine Historiae testimonio esset incerta, ex eo constat, quod in rebus non ita pridem gestis, quibusque dum gerentur, qui interfuerint, testes adhuc supersunt, tantam memoriae infirmitatem, et sententiarum uarietatem uidemus, ut qui eis de rebus idem dicant, ex multis uix duo reperiantur.

In tota uero originum, testamentorum, conuentionum, legum, iudiciorum, et aliarum husmodi humanarum actionum causa, nisi maiores ad posteros suos horum omnium memoriam scriptura transtulissent, quae cautio hominum inter se, quae fides, quae securitas esse posset? Profecto nulla, sed contra in dubium, incertumque omnia reuocarentur, ac nihil quicquam firmum, stabileue maneret. In qua rerum confusione nihil recte, ordineque fieri infima summis misceri, ac turbari omnia, et dum quisque tantum ad se trahit, quantum ui, rapinaque potest, bonos ab improbis, tenues a potentibus opprimi par, atque consentaneum est.

Ad haec cum boni mores, ac ipsae quoque uirtutes sapientum uirorum, qui bene beateque uiuendi regulam nobis tradiderunt, praeceptis, titulisque

Portanto, uma vez que os conhecimentos das coisas, que foram abrangidas pelas artes, bem como das virtudes, estão gravados, no nosso espírito, pela natureza da inteligência de forma rudimentar, para prosseguirmos até ao seu perfeito conhecimento; elas, primeiramente chegaram até nós criadas pela experiência, depois foram confiadas às letras [xxv] que, de outra sorte com tão longo espaço de tempo e com vicissitudes de vária ordem, estariam condenadas a desaparecer.

Assim as letras, que serviriam de auxílio contra o esquecimento, foram descobertas por causa da posteridade. Se a sua luz não tivesse sobrevivido, não só a criação tão necessária e extraordinária das artes, como ainda o conhecimento da religião, a verdadeira crença sobre o poder de Deus e a lembrança das coisas passadas, em suma toda a civilização da vida humana jazeria nas trevas.⁶⁴

Com efeito, mesmo na própria religião, se não possuíssemos a verdade através dos sacrossantos livros da Sagrada Escritura, ainda que tivéssemos o espírito imbuído na crença em Deus, contudo desconheceríamos os Seus atributos, que culto e honras Lhe deviam ser prestados. Assim, passemos em silêncio o que lemos e ouvimos acerca da superstição do culto ímpio dos deuses, a qual, ainda não detectada e descoberta pela luz da verdade evangélica espalhada pelo universo, oprimira com a sua escuridão os espíritos de quase todos; e isto mostra-se bem explícito no exemplo daqueles povos a quem um dom tão celestial ainda não foi concedido pela generosidade divina.

Enquanto cada um modela os deuses, segundo o seu arbítrio, o grande erro em que se encontram é testemunhado por aqueles que navegavam para a Índia e para outras praias remotíssimas do orbe terrestre e que tiveram ocasião de o verificar. Os seus testemunhos divulgaram-se tão intensamente que não existe nenhuma parcela em todo o orbe cristão que [xxvi] não ressoe com as narrativas mirabolantes de tais superstições.⁶⁵

Demais, como seria incerta a verdade do passado sem o testemunho da História, verifica-se a partir do seguinte: nos factos ainda não há muito realizados e dos quais ainda hoje existem testemunhas que assistiram aos acontecimentos, enquanto eles ocorriam, vemos tanta fragilidade de memória e variedade de opiniões que, entre muitas pessoas, dificilmente se encontram duas que digam o mesmo a respeito dos mencionados assuntos.

Em todas as questões respeitantes a fontes, testamentos, pactos, leis, sentenças e outras acções humanas idênticas, que garantia, confiança e certeza poderia existir entre os homens, se os antepassados não tivessem transmitido aos seus vindouros, por escrito, a memória dos factos? Seguramente, nenhuma, mas, pelo contrário, todas as coisas seriam postas em dúvida e incerteza, nada permaneceria firme ou estável. E também é natural que nessa confusão das coisas nada se faria devidamente e em ordem, misturar-se-iam as coisas ínfimas com as grandes, tudo seria obscuro e, enquanto cada qual arrastaria para si pela violência e pela rapina tudo o que podia, os bons seriam esmagados pelos maus e os fracos pelos poderosos.

Além disso, como os bons costumes e as próprias virtudes dos homens sábios, que nos transmitiram regras para uma vida agradável e feliz, se apoiam em preceitos

nitantur, nisi suas illi cogitationes litteris mandassent, tantum laborem frustra, suscepisse [xxvij] uiderentur. Etenim quomodo, putamus aliter fieri potuisse, ut tot, tantarumque rerum, quantae eorum dogmatis sunt comprehensae, recordatio in animis hominum contra uetustatem tandiu duraret, cum re ipsa experiamur, eorum quae ipsi a magistris audiuius, et didicimus, memoriam, nisi litteraturae subsidio iuuetur, breui tempore obliuione deleri?

Ac ne ea quidem in hoc genere praetereunda est, quae ex litteris percipitur, commoditas, quod earum beneficio certiores de rebus quibuslibet facimus absentes, et cum eis locorum interuallo a nobis disiunctis tanquam cum praesentibus colloquimur; idque commodius, ac fideliter magis, quam si internuntiis ageremus. Quam quidem ad rem haud scio an ipso etiam sermone scriptio sit magis accomodata. Quae enim coram agere conantes pudore, aut metu deterremur, liberius ac audacius absentes ea litteris consignamus.

Accedit etiam, ut sermo paucorum, qui audiunt, auribus percipiatur, utque quo habetur loco quasi cancellis quibusdam conclusus neque emanet, neque tempore, quam quo profertur, longiore maneat. At scriptura diu uiget, et longe lateque dispersa, diuersis temporibus, diuersis in locis eadem a multis tractatur, legitur, auditur.

Cuius quidem, ut summam dicam, tanta est magnitudo, atque facultas, [xxviii] ut quaecunq; caelo, terra, mari, continentur, siderum, animalium, plantarum, nec non ceterarum eiusdem generis rerum scientiam complectatur.

Ex quibus nihil ad pietatem, ac uitae humanae consociationem, communitatemque praestabilius, nihil uberius, nihil utilius litteris esse, facile intelligi potest. Et certe nulla est hominum condicio, nulla fortuna, nullus ordo, qui earum usu carere possit.

Etenim siue in rerum cognitione, siue in actione uersamur, siue priuata, siue publica negotia gerimus, litterarum subsidio nobis opus est.

Ceterarum quidem rerum, quae expetuntur, singulae aut ad laudem, aut ad usum, aut ad uoluptatem spectant. Hae dignitatis, utilitatis, delectationis comoditates omnes continent.

Harum studia ad pietatem, et humanitatem nos informant, et diuinarum, atque humanarum rerum scientia instruunt. Eadem prosperas res ornant, aduersas solantur, in otio delectant; in negotiis prosunt, denique quocunq; nos conuerterimus, praesto adsunt omni loco, omnique tempore ita opportunae, ut non aqua, non igni, non aere (quod dicitur) pluribus in locis, quam litteris utamur.

Quamobrem cum ad omnem ueritatis, scientiae, rerum praeteritarum memoriam, et cognitionem tanta sit litterarum commoditas, ususque in omni

e normas, se eles não tivessem confiado as suas reflexões às letras, parecer-nos-ia que suportaram [xxvij] em vão tanto trabalho. De facto, como julgar que teria sido possível de outra forma que as lembranças de tantas e tão importantes coisas, quantas as que se condensaram nos seus dogmas, resistissem no espírito humano durante muito tempo até chegar à posteridade; uma vez que sabemos, por experiência própria, que, em breve, se dilui no esquecimento a memória do que nós próprios ouvimos e aprendemos com os Mestres, se não for ajudada pela escrita.

E também aqui se não deve passar em silêncio esta vantagem que se tira das letras: é por seu benefício que informamos os que estão ausentes sobre qualquer assunto e conversamos com os que estão separados de nós pela distância como se estivessem presentes e de uma forma mais cómoda e fiel do que se recorrêssemos a intermediários. Pelo que se refere a esta particularidade, talvez a escrita seja mais apropriada do que a linguagem oral. Com efeito, aqueles assuntos que somos impedidos pelo pudor ou pelo receio a não tratar cara a cara, quando ausentes, confiamo-los com mais liberdade e ousadia à escrita.

Ainda se acrescenta que o discurso oral é captado pelos ouvidos de poucos que nos escutam e, preso como que numas grades, não se divulga para além do local em que se pronuncia e nem permanece mais tempo do que aquele em que é proferido. Mas já a escrita permanece durante muito tempo e, difundida longa e largamente, ela é praticada por muitos, lida e ouvida em épocas diversas e em diversos lugares.

Para resumir, a sua grandeza e as suas possibilidades são tão grandes [xxviij] que abarcam tudo o que está contido no céu, na terra e no mar, abrangem a ciência dos astros, dos animais, das plantas, bem como outros temas semelhantes.

Perante isto, facilmente se pode compreender que nada existe de mais excelente, de mais fecundo e de mais útil para a religiosidade e convívio humano do que as letras. E sem dúvida que não há nenhuma condição humana, nenhuma situação, ou classe social que possa dispensar o seu uso.

Na verdade, quer nos ocupemos do estudo teórico das coisas, quer de aspectos práticos, ou ainda tratemos de assuntos particulares ou públicos, precisamos do contributo das letras.

Certamente das restantes coisas que se procuram, cada uma delas visa o louvor, ou a utilidade, ou o prazer. As letras abrangem todas as vantagens do mérito, da utilidade e do deleite.

O estudo delas fomenta em nós sentimentos religiosos e humanos e instrui-nos na ciência das coisas divinas e terrenas. Elas tornam mais bela a prosperidade e confortam na adversidade, deleitam no ócio, ajudam nos negócios, em suma, para onde quer que vamos elas lá estão presentes. Em toda a parte e em todos os momentos são tão úteis que não nos servimos em muitos locais mais da água, do fogo ou do ar (como se costuma dizer) do que das letras.⁶⁶

Por conseguinte, sendo tão grande a utilidade das letras e tão necessário o seu uso em todos os momentos da vida para o conhecimento pleno de toda a verdade,

uitae parte tam necessarius, earum studia non iis solum, qui ex obscuro loco [xxix] et tenui fortuna ad opes, dignitatem, gloriam aspirant, sed etiam claris uiris, principibus, regibus maxime digna sunt.

Ac quidem natura comparatum est, ut carendo magis, quam fruendo quid utilitatis res magnae habeant, intelligatur. Quocirca diuini huius erga nos muneris eo notior est nunc magnitudo, quo recentior est adhuc barbariei memoria, quae tyrannide sua omnem humanitatis elegantiam multis saeculis oppressam tenuit, a qua artes contaminatae, et elegantiores litterae labefactatae, suaque dignitate spoliatae cum fuissent.

Ququam antea diuersis temporibus multi uiri ingenio praestantissimi grauitate, nec omnino infeliciter sua sponte eas excitare, atque erigere conati fuerunt, tamen in ruinis suis tandiu illae iacuerunt, donec Principes, ac Reges tantum negotium ad se pertinere arbitrati ingeniosissimos, et eruditissimos quosque summis praemiis, et honoribus certati, ad tam praeclari facinoris confectionem inuitarunt.

Qua quidem in re magna laus est Ioannis Regis huius illustrissimi, qui cum uideret boni Principis officium esse, eos, qui in ipsius imperio sunt, quam beatissimos efficere, Lusitaniam partim sua, partim Maiorum suorum uirtute, et sapientia ceteris rebus, quae ad regni felicitatem pertinerent, recte constitutam, litterarum ornamento tanto, et tam necessario carere noluit.

In quo [xxx] uno quamuis tot sint regiae uirtutes, quot in alio quoquam bene morato Principe esse possunt, tamen cunctos, quicumque nunc sunt, iustitia, et moderatione longe superat.

Quando enim auditum est tanto tempore, quanto Christianus orbis bellorum incendio flagrauit, Regem Lusitaniae in cuiusquam Christiani Principis exitium conspirasse, aut quenquam sedibus suis expulisse, aut omnino armis inuasisse? Quin iniurias a Lusitanis mercatoribus acceptas saepe potius de suo compensare maluit, quam si ulciscendo, earum causa occasionem belli quaesisse uideretur.

Quos enim exercitus comparat, quas classes instruit, contra gentes barbaras, et a persuasionem nostram abhorrentes instruit, quo eas ab impio simulacrorum cultu ad ueram religionem, ab immanitate, ad bene, beateque uiuendi rationem traducat.

Dum alii Principes magnificis Catholicorum, Christianissimorum, Fidei defensorum titulis insignes bella ex bellis serunt, solus hic interea barbaris resistit, barbaros aggreditur, barbaros debellat, ut uere hoc mihi uidear esse dicturus, huius unius, quam illorum omnium auspiciis plura oppida capta, plura bella confecta, plures gentes esse superatas, et ita superatas, ut earum longe melior, quam erat, facta fuerit condicio.

da ciência, e da memória do passado, o seu estudo é particularmente digno, não só daqueles que de um lugar humilde [xxix] e de uma situação financeira precária aspiram à riqueza, às honras e à glória, mas ainda de homens ilustres, de príncipes e de reis.

E é, sem dúvida, natural que se consiga compreender mais pela carência do que pela fruição que utilidade têm as coisas importantes. Por isso, agora é tanto mais conhecida a grandeza deste presente divino para connosco quanto mais recente é ainda a lembrança da barbárie que com a sua tirania teve, durante muitos séculos, esmagada toda a delicadeza da cultura humanística. Devido a esse facto, as artes foram adulteradas e as literaturas mais brilhantes arruinadas e despojadas da sua dignidade.

Embora já antes, em diversos momentos, homens notáveis de grande talento se tivessem esforçado vivamente, de forma espontânea, e não completamente infeliz, por restaurá-las e engrandecê-las, contudo durante muito tempo permaneceram sepultadas nos seus escombros, até que Príncipes e Reis conscientes de que uma tarefa de tamanha importância lhes dizia respeito convidaram, com grandes recompensas e honras, homens sumamente talentosos e cultos para a realização de tarefa tão magnífica.⁶⁷

Neste assunto, sem dúvida, o Rei ilustríssimo, D. João, é digno de grande admiração, pois, ao reconhecer que era um dever de um bom Príncipe tornar mais felizes os seus súbditos, não quis que a Lusitânia, (convenientemente organizada, em parte por mérito seu, em parte pelos seus antepassados e ainda pela sabedoria relativa a aspectos concernentes ao bem do reino), ficasse privada de tão grande e necessária distinção das letras.

Apesar de nele [xxx] haver todas as virtudes régias que podem encontrar-se em qualquer outro Príncipe de bons costumes, contudo supera de longe, na justiça e na temperança, a todos quantos agora existem.

Assim, enquanto todo o orbe cristão se abrasou no incêndio das guerras, quando se ouviu dizer que o rei da Lusitânia conspirou a ruína de outro Príncipe cristão, ou o expulsou do seu trono, ou somente o atacou pelas armas?⁶⁸ Antes, pelo contrário, muitas vezes, preferia compensar, à sua própria custa, as injúrias feitas aos mercadores lusitanos, a que parecesse, ao vingar-se por causa delas, que procurava ensejo para a guerra.⁶⁹

Os exércitos que aparelhou, as armadas que equipou dirigiu-as contra os povos bárbaros e refractários à nossa crença, para que por esse processo trouxesse essas gentes do culto ímpio dos ídolos até à verdadeira religião e da desumanidade até uma forma de vida honesta e feliz.

Enquanto outros Príncipes insígnis com títulos magníficos de Católicos, de Cristianísimos, de defensores da Fé travam guerras após guerras, só este Rei resiste aos bárbaros, ataca os bárbaros, derrota os bárbaros a ponto de me parecer verdadeiramente que isto deve ser dito: só pelo seu comando foram tomadas mais fortalezas, ganhas mais guerras e submetidos mais povos do que pelos contributos de todos os outros; e de tal modo dominados que a sua situação se tornou muito melhor do que era a anterior.

Nam pro superstitione, pietatem, pro barbarie, humanitatem, pro perpetuis, et hostilibus inter se dissensionibus, et odiis, amicitiam, [xxxix] pacem, tranquillitatem receperunt.

Quod imperium maiorum robore partum, huius uirtute, et sapientia ita propagatum, ac constitutum est, ut potentissimis tum Maurorum, tum Indorum gentibus, a quibus istius Imperii opes antea oppugnabantur, nuper fusis, fugatisque iam iisdem, quibus Africa, Asiaque terminis definiatur.

O felicem tanto Rege Lusitaniam! Si quidem uere dixit Plato eas demum beatas fore respublicas, quarum rectores aut docti, et sapientes, aut sapientiae studiosi essent.

Vidit enim, uidit inquam, uir ille plane diuinus quo bene, beateque uiueretur hominum communitati non belli tantum, sed etiam quas litterae docent, pacis artes esse necessarias.

Quibus hic Rex inclitus ut populum suum quam florentissimum redderet, Gymnasium hoc futurum breui totius Hispaniae celeberrimum litteris dicauit, honestisque praemiis, ac condicionibus tot Praeceptores doctissimos longe gentium huc euocauit, qui optimis artibus iuuentutem erudirent.

Te uero Andrea Goueane dux noster praestantissime, rebus omnibus a doctrina, et prudentia instructissimum delegit, cui constituendae, regendaeque huius litterariae reipublicae prouinciam daret, cuiusque imperio nos praeceptores ordines duceremus.

Tu Lutetiae Parisiorum in Academia orbis terrarum florentissima celebri Gymnasio praefectus primum ingenii tui, eruditionis, [xxxix] prudentiae specimen dedisti. Tu deinde Burdigalam praecipuam in Aquitania ciuitatem propositis amplissimis stipendiis publico senatus, Decurionumque, urbis rogatu, accersituque uocatus in conserendis ibi bonis artibus, ac litteris singularem tuam tum uirtutem, tum solertiam probasti.

Nam Aquitaniae nostrae pubem, quae antea ab eleganti doctrina abhorreere uidebatur, sic ad litterarum humanitatem incendisti, ut nulla iam sit in Gallia natio, quae ad haec studia propensior feratur, ea institutione, et disciplina excoluisti, ut non alia sit, quae uberiores fructus edere soleat.

Etenim ex illo tuo Gymnasio multi poetae, oratores, philosophi tanquam ex optima artium officina in dies prodeunt, quorum alii docendi munus subeunt, alii ad Iurisprudentiam, Medicinam, Theologiam se conferunt.

Qui omnes ut te praesentem in oculis ferebant, et tanquam parentem complectebantur, sic nunc absentem requirunt, lugent, grata memoria prosequuntur.

Obstrinxisti antea tuo tibi beneficio externas nationes, quibus cum immortalis gloria iucundam, diuturnamque praefecturae, nominisque tui memoriam reliquisti. Nunc uenit tempus, quo patria (cuius caritate nulla maior esse potest) fidem, operam, industriam tuam iure suo repetit.

Com efeito, receberam o verdadeiro culto em vez da superstição, as virtudes humanas em vez da barbárie, a amizade, a paz e a tranquilidade em vez das discórdias [xxxii] e ódios perpétuos e hostis entre si.

Este reino, nascido pela força dos antepassados, foi tão dilatado e consolidado pelo valor e sabedoria do Rei que, afugentados e derrotados recentemente os poderosíssimos povos Mouros e Indianos, que antes atacavam as forças deste Império, se estende agora pelas mesmas fronteiras que delimitam a África e a Ásia.⁷⁰

Feliz de ti, ó Lusitânia, com tão grande Rei! - Se é verdade que Platão disse que seriam felizes as Repúblicas em que os governantes fossem doutos e sábios ou amantes da sabedoria.⁷¹

Viu aquele homem verdadeiramente divino, viu, repito, que, para se viver bem e feliz, a humanidade precisava não só das artes da guerra, mas também das da paz, que as letras ensinam.

Este Rei Íncrito, para tornar com as letras muito feliz o seu povo, fundou este Colégio que em breve será o mais célebre de toda a Hispânia; chamou de regiões distantes para aqui, com recompensas e condições dignas, muitíssimos e doutíssimos Mestres a fim de educarem a juventude nas artes liberais.⁷²

E a ti, André de Gouveia, nosso eminentíssimo guia, superiormente dotado em todos os aspectos de cultura e sabedoria, escolheu-te para te confiar o cargo de organizares e dirigires esta República das Letras e, para que sob a tua direcção, nós, Mestres, regêssemos as cátedras.

Primeiramente, deste provas do teu talento, erudição e sabedoria como Principal de um Colégio célebre na Academia de Paris, [xxxij] a mais brilhante do universo. Depois, tendo sido chamado a Bordéus, a urbe mais importante da Aquitânia, por insistente convite e solicitação do Senado e dos Governantes da cidade, mediante propostas de recompensas generosas, para aí instalares as belas-artes e letras, demonstraste o teu talento e engenho singulares.

Então, inflamaste tanto na cultura humanística a juventude da nossa Aquitânia, que até aí parecia avessa aos ensinamentos literários e a uma expressão requintada, que não há na Gália nenhum outro povo que se diga mais propenso a tais estudos. E adornaste-a com tal instrução e princípios que não existe outra que costume dar frutos mais abundantes.

Assim, todos os dias saem daquele teu Colégio, como de uma excelente oficina de artistas, muitos poetas, oradores e filósofos, dos quais uns abraçam a profissão de professores, outros entregam-se à Jurisprudência, à Medicina, à Teologia.

Todos eles, tal como estando tu presente te traziam nos seus olhos e te abraçavam como a um pai, assim agora ausente, procuram-te, choram-te e guardam de ti uma grata recordação.

Antes prendeste a ti nações estrangeiras com a tua dedicação, deixaste-lhes, com glória imortal, uma recordação feliz e perene do cargo de Principal e do teu nome. Agora chegou o momento em que a Pátria (e não existe nenhum amor maior do que este) volta a pedir, com direito, a tua dedicação, os teus serviços e a tua diligência.

Cui carissimae, ac dulcissimae Parenti, quae te tulit, ac aluit, nullum potes munus affere maius, meliusue, quam si eius iuuentutem omnibus [xxxiiij] et litteris bonis, et moribus docendam, atque erudiendam curaueris. Qua de causa quanto studio adductus huc te contuleris, tibi omnes conscii sumus, quos summa tua humanitate ad te consequendum, sustinendamque aliquam huius oneris partem impulisti.

Quo duce, Auditores studiosissimi, bona spes nos tenet quemque nostrum pro uirili parte industria sua effecturum, ut neque Regem tam sapientis consilii, neque uos, ad quorum utilitatem nostrum omnem laborem sedulo conferemus, expectationis uestrae tandem paeniteat.

Quamobrem, ut orationis meae exitum aliquando expediam, si Regis uoluntati parere, si parentum, amicorumque uestrorum expectationi satisfacere si uobis honori, patriaeque emolumento esse uelitis, in haec praestantissima doctrinae, ac humanitatis studia, ad quae ingressi estis, sedulo est uobis incumbendum.

Et in tanta praeceptorum copia, loci opportunitate, aetatis flore, rerum omnium, quae studia uestra iuuare, et prouehere possunt, commoditate, danda diligens opera, ne cum omnia affuerint, ipsi uobis tantum defuisse uideamini.

[xxxiv]

EXCVDEBANT IOANNES BARRERIVS
ET IOANNES ALVARVS
TYPOGRAPHI REGII,
CONIMBRICAE, ANN. M. D. XLVIII.
VII. IDVS SEPTEMBR.

A esta tão querida e dulcíssima Mãe que te gerou e alimentou não podes prestar maior ou melhor serviço do que cuidares de ensinar [xxxii] e instruir a sua juventude nas letras e nos bons costumes. Por isso, com que entusiasmo vieste para aqui, sabemo-lo todos nós, os que com tanta delicadeza incitaste a seguir-te e a enfrentar parte dessa missão.

Com este orientador, doutíssimos Ouvintes, temos as maiores esperanças que cada um de nós, segundo as suas forças e engenho, há-de conseguir que nem o Rei se arrependa da sua tão sábia resolução, nem vós, para cujo êxito contribuiremos empenhadamente com todo o nosso labor, vos arrependais da vossa expectativa.

E assim, para que finalmente acabe o meu discurso, se quiserdes corresponder à vontade do Rei e satisfazer a expectativa de vossos pais e amigos, se quiserdes que vos sirva a vós de honra e à pátria de proveito, deveis aplicar-vos, com entusiasmo, a estes estudos notabilíssimos das ciências e das humanidades a que vos dedicastes.

E em tal abundância de incitamentos, em lugar tão propício,⁷³ na flor da idade e com a vantagem de todas as coisas que podem ajudar e fazer avançar os vossos estudos, deveis diligentemente, dar o melhor do vosso empenho, não vá parecer que quando todas as coisas estão presentes, apenas vós próprios faltais.⁷⁴

[xxxiv]

IMPRESSO POR JOÃO DE BARREIRA
E JOÃO ÁLVARES
TIPÓGRAFOS RÉGIOS,
EM COIMBRA, NO ANO DE 1548,
AOS SETE DIAS ANTES DOS IDOS DE SETEMBRO